HORRIPILANT
ASSASSINATO
METRALHADORA
EM SÃO PAULO
POR
JOÃO DE MINA
ANNO XXXIII
NUMERO 45
12 - 4 - 1934
Preço 1$200
MONTEIRO FILHO
O Malho

O MALHO

ANNO XXXIII Propriedade da S. A. O MALHO NUMERO 45

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Numero avulso em todo o Brasil 1$200 Assignaturas: Annual-----60$000 Semestral-30$000

Redacção e administração TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

Telephones: 3-4422 2-8073 - Caixa Postal, 880—RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

Carta a Adhemar Tavares
Olegario Mariano

O Jogo
Ruy Barbosa

Os ultimos momentos de Tiradentes
Quadro de Francisco Aurelio

A Vida sentimental de Tiradentes
Oswaldo Orico

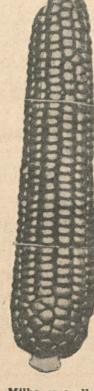
Da Rua
Reynaldo Reis

A evolução do feminismo Brasileiro
Reportagem de Carlos Rubens

D'Aqui, d'ali, d'acolá
Fragusto

DE FLORICULTURA E HORTICULTURA

A SEMEADURA MECANICA DO MILHO

A Directoria de Publicidade Agricola de São Paulo divulgou recentemente um semnumero de bons conselhos e receitas sobre o plantio de cereaes. No que se reporta á semeadura do milho, aquella celenda instituição recommenda a utilisação da machina, desde que se trate de grandes culturas. Para isso, existem, hoje, semeaduras de uma, duas e tres linhas, podendo ser construidas as de duas e de tres linhas, para fazer o plantio em linhas ou em covas, e "nunca se deve deixar mais de tres plantas por cova, se o milho for grande, ou quatro, se for pequeno". A maior distancia entre as linhas augmentará a producção do milho.

Milho amarello commum

* *

OS MICRO-ORGANISMOS DA TERRA

COUBE ao chimico francez Berthelot isolar, em 1892, um principio volatil, que é a causa desse cheiro que muitas vezes sentimos evolar-se da terra. Esse principio volatil, que é de origem bacteriana, é proporcionado por uns micro-organismos denominados **Clodothrix odorifera.** Vistos ao microscopio, apresentam um aspecto esbranquiçado, mas, isoladamente, são incolores, semelhando fios, que se multiplicam constantemente pelo seccionamento das extremidades. Elles se alimentam de substancias vegetaes em decomposição, e é exactamente a transformação de taes materias que dá logar ao principio volatil assignalado por Berthelot. A **Clodothrix odorifera** prospera só em logares ferteis em principios vegetaes em decomposição. Quer dizer que o cheiro da terra é indicio de riqueza em **humus.**

* *

A RHOPALA BRASILIENSIS OU CARVALHO NACIONAL

A photographia que aqui damos é de uma planta que desperta intensa curiosidade em todos os que a vêem pela primeira vez, tal a sua belleza natural e semelhança com o "Quercus" ou carvalho europeu.

E' arvore rara, aliás, no nosso paiz, e que corre o risco de extincção, devido ás queimadas que se vêm fazendo nas nossas florestas.

Conhecida pelo nome de "Caxicaem" pelos nossos aborigenes é a bonita arvore — a iba poranga — a que elles escolhem para marcar as suas festas de casamento quando as suas pequenas flores gemeas estão entrelaçadas entre peciolos bem juntos. E' scientificamente a — rhopala brasiliensis — uma essencia florestal maravilhosa, e pertence á familia rica em arvores ornamentaes a que o botanico Antonio de Jussieu deu o nome de — Proteaceas — porque ellas apresentam flores de formas differentes umas das outras qual o Proteu da mythologia.

Dispõe a flora brasileira de certas arvores predestinadas. E estas maravilhas suggerem symbolos.

A nossa caxicaem e melhor ainda o nosso rosado arabutan — a cœsalpina equinata — estão a reclamar em altos brados as preferencias sobre os vegetaes australianos e nipponicos nas arborisações dos nossos jardins e praças, já tão cheios de especies exoticas, mas vasios de brasileiras.

E' esta a opinião do nosso collaborador botanico, professor Dr. Eduardo Britto.

AS RIQUEZAS DE NOSSO SOLO

ENTRE os vegetaes, que fazem a ufania dos nossos agricultores, inclue-se, sem pestanejar, a mandioca. Ella é bem, como os botanicos a designam em latim, "utilissima". Em uma monographia a respeito da mandioca, o Dr. Rodrigo da Rocha Britto, engenheiro agronomo, não se cansa de endeusal-a, acclamando-a "uma das principaes plantas cultivadas". A' mandioca devem-se muitos beneficios, fornecendo-nos não só um alimento delicioso, mas materia para colla, papeis, distillaria, tecelagem, etc. A colheita da mandioca apresenta, entre nós, um rendimento de 35.000 a 45.000 kilos de tuberculos por hectare.

CAIXA D' O MALHO

Z. P. LINS (Rio) — Eis uma inovação surprehendente: a de subtrair-se, na contagem, uma syllaba das palavras exdruxulas...

A humanidade é, mesmo, difficil de contentar-se. Ora, veja você: ha tempos, um rapaz da terra do *girimum* mandou para cá uns versos de feitio modernissimo. Mas era só o feitio graphico, porque o miolo era o mais passadista possivel, falando nas cordas da lyra e outras imagens do tempo do Onça. Fiz-lhe uns reparos a respeito. Xingou-me de analphabeto.

Ha dias, um amigo de Minas remetteu-me uns versos em que se dizia, mais ou menos, que "uma abobada ou um craneo graphava o ceu".

Eu não atinei como isso se poderia dar e impugnei o absurdo.

Sabe o que elle me respondeu? — Então, o senhor não conhece o estylo figurado? Pois olhe, eu já li em Coelho Netto que "uma estrella escutava conversa das almas e interrogava outras estrellas"...! Xingou-me de injusto.

Agora, imagine V. se eu fosse discordar das idéas deste ou daquelle soneto!

Davam-me pancada até. Não, *seu* Z. P. Lins, eu só posso apontar os defeitos que não soffrem contradição, por estarem fóra de normas já assentadas e acceitas. Opinar sobre a essencia de sonetos de collaboradores menores de 18 annos seria uma calamidade.

Eu comprehendi o que desejava você. Como escreveu uns versos em que se fala nos "cosmicos phenomenos" e no "grande enigma do Infinito", achou que merecia elogios pelas suas preoccupações philosophicas. Mas como eu não me apercebo da "substancia" dos seus sonetos, V. me xinga de ranzinza, impertinente, tacanho e outras amabilidades.

Ora, seja tudo pelo amor de Deus. Poderia ser muito peior.

ARGONAUTA (Simão Pereira, Minas) — Hoje mesmo, falei com o Secretario para ver se póde dar um vomitorio no archivo, de modo a botar para fóra os seus poemas que aqui chegaram em plena pré-historia. A respeito da ultima remessa, tudo approvado. Quanto á data da publicação, você já sabe: ponto de interrogação e reticencia...

GAUCHO VELHO (Porto Alegre) — Não, *seu* Gaucho, tenha paciencia, mas as amostras eram muito melhores. Genero *dernier cri*. A mercadoria, agora, está meio deteriorada por um sentimentalismo romantico puramente passadista. Isso num soneto estava bem. Mas num poema modernista sôa mal com os seiscentos diabos. Mande outras coisas, no genero das primeiras amostras.

As vistas serão muito bem recebidas. Se forem photographias artisticas e originaes, podem vir com uma chronicazinha assignada, ou mesmo escoteira. Tudo serve.

CONSISTRE' (Guarôba) — Publicar o artigo todo, não, para não deslumbrar os nossos leitores. Mas vae aqui um pedacinho de ambrosia do seu estylo só para fazer agua na bocca de muita gente:

"...E' que a vida, para a carinhosa puericia, que é a flor encantadora, assemelhando um Eden com airosas e, apotheosos caminhos tapetados de efflorescencias perfumosas; as expressões collectivas pronunciadas por uns labios de innocencia, são repletas de prazeres, articulam constantemente as regalias enthusiasticas da existencia e, que o mundo é uma vasta planicie..."

Bravos! Um premio a quem decifrar o periodo.

FRANCISCO PESSOLANO (Jundiahy) — Seus versos estão bons, mas não tão bons que mereçam publicidade, nesses tempos *brabos* de crise de espaço.

ROBINSON (Campinas) — Seu conto está interessante e será publicado.

JOÃO DE CA' (Uberlandia) — As suas chronicas são pequenos rosarios de logares communs. Parecem até museus de phrases que ainda usam anquinhas e empoam a cabelleira. Assim, não servem.

FRIVOLO (Guaratinguetá) — Todos os tres sonetos estão em condições de ser publicados. Mas como o espaço disponivel, aqui, é muito pouco, só poderei aproveitar "Felicidade".

FIUSA LEI (?) — Tenha paciencia, vate illustre, mas vou encaixar, aqui, o começo de um dos seus sonetos: estes dois quartetos que mettem num chinello tudo quanto Petrarcha escreveu:

"Não sabes que horas benditas
eu passei n'aquelle ambiente,
do fundo olhar teu docemente;
provou em mim uma fita...

Só pelos teus ardores de dita,
qu'ias-me deturpar friamente,
mas qual! risonhos era sómente
tão sinceros de feição catita!"

Se houvesse um tribunal para julgar delictos literarios, você já tinha pegado uma prisão perpetua ou a cadeira electrica.

LEVI DE LAERT (B. Horizonte) — Está em condições. Sahirá.

Dr. Cábuhy Pitanga Neto

Programma

A carta que nos enviou o illustre Sr. Abbadie Faria Rosa, digno presidente da S. B. A T., e que publicamos no numero passado, é um documento que merece ser commentado.

Primeiramente, o missivista confirmou, por outras palavras, o convenio celebrado com a "Radio Educadora" para o pagamento de uma quantia fixa, acrescentando que o systhema de "forfait" não foi applicado ás demais por que ellas a isto "se esquivaram".

Em seguida, esquecido dessas palavras, S. S., fazendo o elogio do referido systhema, affirma que varias outras estações já o estão pleiteando para as suas relações com a S. B. A. T., que "por ora", se limita a estudar o **forfait** a ser applicado a cada uma dellas.

Ora, ahi está uma contradição e uma these que não temos duvida em combater.

Para a S. B. A. T., interessada nas percentagens e no augmento dos direitos parados, bem como para as estações de radio, interessadas em pagar o menos possivel, esse arranjo póde ser optimo.

Para o autor, até prova em contrario, é que não é negocio.

O Sr. Abbadie Faria Rosa classifica de ingenuidade ou ignorancia a affirmativa de que os direitos assim pagos não serão devidamente distribuidos.

A verdade, porém, é que isto se verifica com "forfait" ou sem elle, pois a S. B. A. T. não fiscalisa as irradiações das nossas "broadcastings" e não tem elementos, portanto, para saber se são exactas as listas enviadas por estas á Censura Policial.

Dizemos isto sem receio de contestação, pois, até a presente data, o proprio redactor desta pagina, sendo autor de varias peças cantadas e recantadas nos programmas de radio, não viu ainda o seu nome na lista mensal da S. B. A. T., que têm direitos a receber.

Mais ainda, indo uma vez ao studio da "Radio Educadora" e tendo occasião de folhear um livro de apontamentos, encontrou producções s u a s consignadas em nome de outros, para o effeito da percepção dos proventos autoraes.

Si o presidente da S. B. A. T., dignar-se de manusear esse livro, lá encontrará cerca de vinte protestos escriptos á margem de cada um dos apontamentos viciosos.

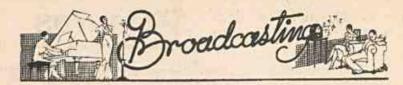
E nas outras estações não teria occorrido cousa semelhante?

E as vezes em que os autores, principalmente de letras, são sonegados por ignorancia dos cantores e dos organisadores de programmas?

A distribuição das quotas autoraes é uma burla para quem produz, burla essa que o systema de "forfait" só póde aggravar, pois por elle as estações pagam uma quantia que não corresponde ao numero de peças executadas, na realidade.

Póde ser que estejamos errados.

Os factos, entretanto, teimam em demonstrar que não accusamos nem vehiculamos informações desprovidas de fundamento, bem como que as nossas razões se apoiam no bom senso e na vontade de ver todas as cousas em seus eixos.

O. S.

"O MARTYR DO CALVARIO"

Na noite de sexta-feira da Paixão, quando a alma popular se achava empolgada de sentimento religioso, o "Radio Club do Brasil" teve a iniciativa de transmittir uma adaptação radiophonica da peça de Eduardo Garrido, "O Martyr do Calvario". Essa adaptação foi realisada admiravelmente por Felicio Mastrangelo, Oscar Gonçalves e Edmundo Maia.

Na photographia acima, tirada após a irradiação, vêem-se os adaptadores, o speaker Pedro Conti e os artistas Olga Navarro, Annita Spá, Nela Regina, Marcilia Silva, Renato Lacerda, A d a c t o Filho, Luciano Cavalcanti, Barbosa Junior, Angelo de Freitas e a pequena Maria Heloisa Gonçalves.

CIGARRA QUE EMUDECEU...

Confesso, fazia "farra"...
Mas, tudo mais, era intriga:
Preferia ser cigarra,
A parecer com formiga...

A formiga, trabalhando,
Não se lembra de ninguem,
Mas, a cigarra, cantando,
Reparte tudo que tem...

Qual cigarra, repartia
Com os outros minha illusão,
Sem saber que mal fazia,
Ao meu proprio coração.

Cigarra só silencia
Quando tem algum desgosto:
Porisso minha alegria,
Só canta, agora, em teu rosto.

Pandiá Pires

N. da R. — Pandiá Pires é uma figura ligada aos nossos meios radiophonicos. Jornalista e "sportsman", realisa tambem uma poesia emotiva e delicada. Varias letras de successo para musicas, são de sua auctoria. Os versos acima, que publicamos ineditos, vão receber uma melodia adequada de Antonio Nassara.

Bolas de Crystal

Ao ser informado de que os programmas "Horas do Outro Mundo", de Renato Murce, e "Nosso Programma", de Eratosthenes Frazão, iam disputar, com os seus elementos artisticos, um match de foot-ball, no campo do "Vasco", o chronista Sodré Vianna exclamou:

— Ora, até que afinal muitos cantores de radio vão fazer successo...

—:—

Na semana santa, n ã o achando meio de organisar um programma a seu modo, o Gastão Lamounier irradiou, na Educadora, um concerto de musicas sacras.

— Desta vez, dizia o Paulo Tapajoz, o Christo foi o Christo mesmo...

—:—

O cantor Roberto Vilmar, que todos dizem ser um dos espiritos mais cultivados dos nossos meios de radio, ao cantar a "Casinha Pequenina" estropia um dos seus versos dizendo:

"Não te lembras das juras **e perjuras**"

quando o certo seria, como a propria logica está a indicar:

"Não te lembras das juras, oh perju-[ra!"

Ouvindo-o, o Francisco Alves commentava, confortado com as criticas:

— Elles falam de mim...

O QUE VAE PELOS STUDIOS

Regressou da Europa a cantora patricia Yole Rodes Costa que se encontrava e m Portugal cumprindo um contracto com a "Radio Club Portuguez", atravez de cujo microphone irr a d i a va canções typicas brasileiras. Segundo entrevistas suas aos diarios cariocas, a musica nacional está empolgando o theatro e o broadcasting lusitano. Já não era sem tempo...

—:—

O programma "Horas do Outro Mundo", dirigido e organisado pela competencia de Renato Murce, instituiu um concurso de speakers que está obtendo successo. Muita gente tem apparecido munida de um vasto stock de "erres" afim de enfrentar o Cesar Ladeira...

—:—

Ultimas edições da "A Melodia", de E. S. Mangione, acabam de apparecer o tango "Noviecita" musica de Sebastião Lombardo e letra de Luis Bates, creação de Déo na Radio Record, de São Paulo; a valsa "Recordar", musica e letra de Ary Kerner, creação de Gastão Formenti em discos Victor; e o samba "Juramento Falso", letra e musica de Pedro Caetano, creação de Sylvio Caldas n o "Programma Casé".

—:—

— Roberto Vilmar é o ultimo contractado da "Radio Mayrinck Veiga" com caracter de exclusividade.

GENTE DE S. PAULO

Déo é um cantor paulista que o publico de sua terra admira e prefere. A sua especialidade é o tango e o samba. Na "Radio Record", da capital bandeirante, t e m elle realisado creações de intensa popularidade. A sua ultima interpretação de successo é o tango "Noviecita", de Sebastião Lombardo e Luis Bates. Déo canta e se acompanha ao violão, conforme vemos no cliché, que o apresenta ao lado do microphone da "Record".

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 31.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL FEDERAL

Luis Crake — Rua Dr. Sattamine, 165 — Tijuca.
Mauro Prado — Rua Silveira Martins, 14
Ivan L. Moniz Ribeiro — Rua Visconde de Sta. Cruz, 25.
Helena Dantas — Rua General Bruce, 103.
Anileda Fernandes — Rua Dr. Paulo Araujo, 166 — T. Santos.

ESTADO DO RIO

Ulysses Carvalho — Estação Porto da Madama. — E. F. Leopoldina.
Maria de Lourdes Leite — Macahé.

S. PAULO

Dante Cová — Rua Bella Cintra, 261 — Capital.
Dalton J. Moura — Rua Major Sertorio, 73 — Capital.
Sara Bittencourt — Pitangueiras.
Celso Carvalho — Rua Alfredo Guedes, 8 — Sant'Anna.
Zizinha — Rua José Bonifacio, 39 — Mogy das Cruzes.
Lazinha de Carvalho — Rua João Theodoro, 380 — Capital.
E. M. Florencio — Rua Guayanaz, 1-41 — Bauru'.

MINAS GERAES

Maria Campello — Sete Lagôas.
Henrique Jacob — Rua Martito, n.º 57 — Bello Horizonte.

João Pinto Filho — Rua Arthur Bernardes, 8 — S. João d'El Rey.
Lauro Pinto Guedes — Jacutinga.

RIO GRANDE DO SUL

Frederico Faria — Rua Dr. Flores, 406 — Porto Alegre.
Dr. Cicero Bunney — São Sepé.
Ivetta Ribeiro Nunes — Posta Restante — Sant'Anna do Livramento.

MATTO GROSSO

Joaquim B. Barros — Rua Tiradentes, 16 — Corumbá.

ESPIRITO SANTO

Francisco Muniz Freire — São João do Muquy.

ALAGOAS

Marinita Reis — Rua 1º de Maio, 234 — Maceió.
Antonio Cicero Ferreira — Maragigy.

BAHIA

Americo Gonçalves Filho — Cannavieiras.
Leontina Leite — Caixa Postal — Capital.

PERNAMBUCO

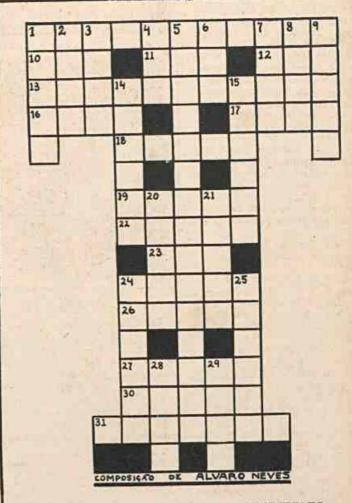
Orlando Neves — Av. João de Barros, 668 — Recife.
Lucy Cory — Concordia, 219 — Recife.
Brigida Feitosa — Rua Duque de Caxias — Pesqueira.

A SOLUÇÃO EXACTA DA 31ª CARTA ENIGMATICA

"Que um beijo mata, é verdade
Porém, outro beijo cura.
— E' o caso da mordedura,
da mordedura do cão.

Um só transtorna a cabeça,
Mas, se outro em cima se emite
provoca mais o apetite,
Mas faz bem ao coração.

Guimarães Passos

Palavras cruzadas

HORIZONTAES

1) Contratempos.
10) Interjeição, sem a primeira.
11) Idade.
12) Adverbio (orthographia simplificada).
13) Filhos de trineto.
16) Membros das aves.
17) Flexa de madeira.
18) Planta rhizobolacea, sem a ultima.
19) Côr de fogo.
22) Resina fossil.
23) Soberano ás avessas.
24) Vagae.
26) Tacto (plural).
27) Peixe marinho.
30) Terreiros.
31) Mesas de jogo.

VERTICAES

1) Uberes.
2) Braços de rio.
3) Monumento megalithico.
4) Existir.
5) Trapaceiro.
6) Negação ás avessas.
7) Creme.
8) Aroma.
9) Imposto (plural).
14) Rugosa.
15) Desterrar.
20) Leguminosa do Brasil.
21) Homem adulto.
24) Propla do ether (orthographia simples)
25) Mulher casada.
28) Do lobo e outros canidas.
29) Tem valôr.

Ao nosso collaborador Alvaro Neves pertence o presente problema de "Palavras Cruzadas".

As soluções deste problema devem ser enviadas á nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34, Rio — até o dia 12 de Maio, data do encerramento do 10º torneio de "Palavras Cruzadas. Na nossa edição de 24 de Maio, apresentaremos o resultado da apuração procedida, distribuindo O MALHO *dez* magnificos premios entre os concurrentes. O "coupon" n.º 10 deve acompanhar a solução deste concurso, devidamente prehenchidos os seus claros.

PALAVRAS CRUZADAS
COUPON N. 10

Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..
.. ..

Nem todos sabem que...

No Japão, a pesca das perolas incumbe ás mulheres, que desde a infancia aprendem a mergulhar no fundo do mar, e passam quasi o dia todo dentro dagua, mettidas num traje especial de tecido impermeavel e munidas de antolhos adequados. As pescadoras de perolas attingem a grandes profundidades sem auxilio de escaphandro.

* * *

Os preços que pedem os paes por suas filhas, em certas regiões da Australia, variam consideravelmente. O termo médio é de cincoenta pesos ouro em mercadorias. Mas o preço tende a augmentar devido á escassez de moças casadeiras. Eis porque um indigena confessou a um explorador que o matrimonio entre os brancos é muito bom. Não se compra a mulher...

* * *

Ha flores thermometricas, como a soldanella dos Alpes, que contêm tal quantidade de calorias que podem viver tanto escondidas sob a neve, como dentro de um pharol.

O calor dessas flores é sempre muito maior durante o seu crescimento e o seu desenvolvimento do que quando a planta chega á sua completa evolução.

* * *

Uma nova opera acaba de ser representada no "Opera Real" de Stockholmo. E' "Fanal", do compositor sueco Kurt Atterberg. A letra é de Ritter e Welleminsky, que recordam a guerra dos camponezes na Allemanha, no XV° seculo.

"Fanal", segundo o critico Elsa Thulin, pertence á categoria das obras de Verdi, Wagner e Puccini, embora ali se encontrem vibrações da alma nordica. A imprensa sueca foi unanime nos applausos a Kurt Atterberg, ao qual augura para breve uma celebridade internacional.

* * *

O bibliothecario da Universidade de Copenhague, o Sr. Svend Dahl, marcou um tento agora, dando á publicidade de uma obra vultosa, que está interessando a Europa toda: a "Historia do Livro", abrangendo a antiguidade mais remota. Desse formidavel trabalho destaca-se um "Resumo", relativo aos preciosos *in-octavo* venezianos de Aldo Manucio e aos livros de gravuras allemãs do XVI° seculo. Os mais celebres gravadores dos tempos aureos da arte do buril são passados em revista: Grolier, Mahieu, Dürber, Holbein, Hans Lutzelburger, Johann Froben, Hans Weiditz, Jacob Krause, etc.

* * *

No "Diario" do maestro francez Ludovic Halévy se encontra, em data de 29 de Janeiro de 1867, esta passagem: — "O ensaio geral de "Orpheu nos Infernos" foi bem curioso. Uma centena de espectadores sómente... mas que assistencia selecta! Num camarote da 1ª fila, o principe Napoleão, com um ajudante de campo. Por que o principe Napoleão no ensaio geral de "Orpheu"? (Cora Pearl fazia Cupido, e foi vaiada). Ah! já sei porque. E' porque a artista sabe montar a cavallo e não perde as caçadas em Meudon; é porque o Principe ha seis semanas, nessas caçadas, reparou na elegancia e na desinvoltura de Cora..."

Arte de Bordar
RISCOS PARA BORDAR E ARTES APPLICADAS
APPARECE NOS DIAS 15 DE CADA MEZ
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
RIO DE JANEIRO
ARTE DE BORDAR é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.
ARTE DE BORDAR contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. --- Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.
QUALQUER LIVRARIA, BANCA DE JORNAES E TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO BRASIL TÊM Á VENDA A PUBLICAÇÃO ARTE DE BORDAR.
A REVISTA, CONTENDO OS DOIS SUPPLEMENTOS SOLTOS, CUSTA APENAS 2$000 EM TODO O BRASIL.
NUMEROS ATRAZADOS DE "ARTE DE BORDAR"
DESTA CAPITAL, DAS CAPITAES DOS ESTADOS E DE MUITAS CIDADES DO INTERIOR, CONSTANTEMENTE SOMOS CONSULTADOS SE AINDA TEMOS TODOS OS NUMEROS ATRAZADOS DE ARTE DE BORDAR. PARTICIPAMOS A TODOS QUE, PREVENDO O FACTO DE MUITAS PESSOAS FICAREM COM AS SUAS COLLECÇÕES DESFALCADAS, RESERVAMOS EM NOSSO ESCRIPTORIO TRAVESSA DO OUVIDOR, 34, TODOS OS NUMEROS JA PUBLICADOS, PARA ATTENDER A PEDIDOS. CUSTAM O MESMO PREÇO DE 2$000 O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL E TAMBEM SÃO ENCONTRADOS EM QUALQUER LIVRARIA, CASA DE FIGURINOS E COM TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO PAIZ.
PEDIDOS DO INTERIOR
Snr. Gerente de ARTE DE BORDAR — Caixa Postal 880 — Travessa do Ouvidor, 34-Rio
Pedidos sob registro
Envio-lhe
2$000 para receber 1 numero
16$000 " " durante 6 mezes
30$000 " " " 12 "
Nome
Ender.
Cid.
Est.
PREÇO
2$000

O Malho

A CIDADE MYSTERIOSA

A inquieta curiosidade do gaulez é um dos traços mais caracteristicos dessa raça de homens penetrantes e subtis. No oriente e no occidente, nas zonas polares e nas regiões equatoriaes, o francez vive sempre uma hora de pesquisa ou de conquista. Dahi a feição nomade da sua literatura social. A vaidade espiritual do premio Goncourt já arrastou Pierre Benoit á Oceania, seduziu Albert Londres á Indo-China, attrahiu Pierre Mac Orlan ás mesquitas tunisianas, projectou Paul Morand aos pontos extremos do pampa americano, transformou André Malraux em "voyageur" intrepido e ávido de episodios singulares. O Marrocos francez, com a sua physionomia heroica, suavisada pelo mysticismo colonial, não é apenas uma pagina agitada do militarismo de Saint Cyr nem um simples capricho da politica de defesa nacional. E' o romance movel, luminoso, ardente, que a civilisação procura inaugurar no deserto. E' o drama da intelligencia querendo destruir a barbarie, é o latino puro de Alger sonhando a submissão da ultima tribu indigena, abrigada além dos muros da cidade.

✣ ✣ ✣

Depois da "Condição Humana", que é a chronica mais bizarra da literatura moderna sobre o fantastico extremismo chinez, André Malraux partiu para o nordeste de Djibouti, a capital da rainha de Sabá. Ao invés de traçar commodas prophecias, á semelhança dos novellistas norte-americanos do typo de Jack London, o escriptor francez só acredita na observação directa dos homens e das cousas. As imagens accesas da Arabia revolvem os mais generosos contos orientaes, e Malraux, que avistou torres, monumentos e ruinas, contemplou o Valle dos Reis, demorou a alma sobre os vinte templos, nos quaes os habitantes de Mariaba adoravam o sol e a lua, crea agora uma literatura de alto sentido psychologico.

✣ ✣ ✣

O vôo de Malraux sobre a cidade mysteriosa, onde as expedições armadas da Grã-Bretanha affrontam as tempestades de areia para explorar o deserto arabe, é uma reportagem cheia de bravura, destinada a elevar o exotismo á categoria de uma nova mystica da curiosidade. O romancista contemporaneo da machina já não somma o tempo nem se resigna a medir o espaço com a gloriosa indifferença do scientista. Benoit descreveu no "Lac Salé" as aventuras dos mormons australianos, e o relato desses episodios sectarios animou outros escriptores a atravessar oceanos e desertos em busca de novas expressões da arte e da vida. A agilidade espiritual de Malraux não se limita ao inquerito impressionista, méro registro de emoções e idéas alheias. No Sião ou em Madagascar, entre mouros e camponezas, geishas e communistas amarellos, Malraux é o commentador surprehendente, impávido, justo, sem esquecer comtudo o aspecto subjectivo da existencia. Não se póde duvidar, deante de uma literatura que se infiltra em todas as regiões da terra, do predominio do exotismo sobre as outras fórmas de expressões da prosa moderna. O mundo vae sendo cada vez mais devassado pela curiosidade analytica das élites intellectuaes, porque as multidões reclamam espectaculos differentes, e, a um homem do Mediterraneo, nenhum convite poderia ser mais seductor que esse de revelar, hoje, como vivem os arabes de Djibouti e amanhã como pensam os escassos povoadores da Terra do Fogo...

BEZERRA DE FREITAS

UMA NOITE DA VIDA

TEXTO E DESENHO DE DI CAVALCANTI

Na parede do corredor, que ligava a sala de jantar ao banheiro, estava pregado um cartaz.

Dizia:

> *PAVILHÃO CELESTE. — Solidamente armado na rua Bartholomeu Paes — Villa Anastacio. De propriedade da conhecida artista Celeste Pio. Hoje! Hoje! Hoje! Hoje! Grandioso espectaculo! Numeros sensacionaes! Para terminar o applaudido drama MULHER ADULTERA Maximo capricho e esmero. Quinta-feira —Mais um novo e variado— — — —Espectaculo.— — —*

O retrato da proprietaria ornava os letreiros.

— —

Tres dias depois de me haver hospedado naquella triste casa de commodos da rua Aurora já havia lido tres vezes o annuncio.

Achava-o admiravel.

Parecia que elle ali estava com a finalidade de mostrar aos hospedes que a vida é sempre um espectaculo. E a mim servia o cartaz para animar minha fantasia sempre predisposta.

No quarto dia, quando, dirigindo-me ao banheiro, parei diante o cartaz, a dona da pensão, que até então não sabia como se chamava, approximou-se.

Era uma mulher exquisita. Estava naquelle momento vestida com um velho chambre de lustrina enfeitado de arminho e mostrando muito um amplo collo por onde o vento da lascivia já passára.

Interpellou-me sorridente:

— "O senhor é artista?..."

Não, não era.

— "O senhor gosta de olhar este cartaz? Isso foi o bom tempo... Olha, eu sou esta. Esta, a Celeste!"

— Ah! esta é a senhora?

— "Sim, mas ahi estou arranjada. Bonita. Não acha bonita?"

— Como não!

E ficamos, eu e D. Celeste Pio, lendo embevecidos, deslumbrados mais uma vez, aquelle admiravel cartaz. Lendo até o fim, até o: *Quinta feira mais um novo e variado espectaculo.*

Outro hospede tomou meu logar no banheiro.

— —

E' preciso saber desde já que D. Celeste não tinha geito para dona de casa de commodos.

Artista, ella vivia em devaneios.

Tinha uma victrola, tinha um cachorro, tinha uma afilhada e dava confiança aos empregados.

A victrola e o cachorro eram barulhentissimos.

A afilhada chamava-se Dulce e era suspeita.

Os empregados eram o Edegardo e a Eremita, dois mulatinhos sem nenhuma vergonha.

A' noite um senhor mysterioso vinha visitar D. Celeste.

— —

Os hospedes sahiam muito cêdo e, previdentes, só voltavam muito tarde, á sombria casa de commodos. Só ficava em casa uma immensa senhora de nacionalidade rumena que era pianista e professora de solfejo.

Ficava em casa esperando alumnas que não vinham...

Sempre que podia, duellava-se com a victrola. Sua arma era um velhissimo piano armario e seus golpes eram horripilantes sonatas, assassinadas pelas suas mãos gigantes.

Bem differente devia ser o *Pavilhão Celeste*, annunciado naquelle bemdito cartaz que tanto bem me fazia á alma, quando era obrigado a atravessar o corredor infecto.

— —

Era bem differente. E eu tive uma idéa do Pavilhão na minha decima noite de hospede de Dona Celeste...

Bateram á porta de meu quarto.

O Edegardo perguntou se Dona Celeste podia vir falar commigo.

Podia, naturalmente... E fiquei esperando.

— —

A antiga artista demorava. De vez em quando, o Edegardo gritava com a voz muito alegre: — "Dona Celeste pede para o senhor esperar um pouquinho. Ella vem já."

Afinal, ás dez horas gritou Dona Celeste:

— "Vou abrir a porta, mas não se assuste..."

O quarto era grande, a cama muito estreita ficava no fundo. Só uma pequena lampada de cabeceira illuminava-o.

Foi, portanto, verdadeiramente assustado que me enfrentei com uma *écuyère*, que ali estava diante meus olhos, brilhando na semi-obscuridade do quarto: com um grande chapéo de plumas, *maillot* rosa, grande capa negra de setim, forrada de lantejoulas, abrindo constellações luminosas...

Dona Celeste, de dentro daquella fantasia, ria gostosamente. Ria, com a sua dentadura de massa, a mais postiça de todas as dentaduras postiças do mundo.

Gritou:

— "O senhor vae conhecer o Pavilhão Celeste!"

— —

Ninguem acreditaria se eu dissesse que guardava, deante aquelle impressionante personagem, a calma de um explorador inglez.

Attonito, não sabia o que fazer. Nada podia dizer.

D. Celeste, ao contrario, falava aos borbotões, apresentando a um publico imaginario o seu espectaculo.

Gesticulava. Agradecia. Dava pulinhos!

— —

Afinal sentou-se, como para acalmar todo meu espanto.

— "Moço, vamos beber uma cerveja".

Era impossivel contrariar Dona Celeste.

Eremita trouxe a cerveja, rindo á socapa.

— "Pois é isso: o senhor vae ver quem eu sou. Eu, a rainha do picadeiro, a querida Celeste, que todos os publicos de não sei quantas cidades applaudiram em delirio. E o senhor vae ver o meu pavilhão, o Pavilhão Celeste!"

Entregou-me um programma do Pavilhão Celeste. Senti que aquella não era a primeira cerveja que bebia...

— "O senhor vae ver. Vou lhe mostrar todos os numeros femininos, porque não havia artista no pavilhão que eu não substituisse".

Dizia tudo entre dentes, molhando a garganta com cerveja, meio allucinada, dando meneios graciosos ao dorso flacido que o corpête mal sustinha.

— Todos os numeros"...

E desappareceu na porta, gritando para o Edegardo:

— "Põe a victrola no quarto do moço, com os meus discos".

— —

Essas horas que nos dão para sentir o mundo entre um somno e outro, são os milagres constantes da vida.

Que noite era aquella na minha existencia vagabunda?

Outras extraordinarias já vivêra.

Passava-me pela memoria aquella noite em que vaguei pelas aguas frigidas do Tamisa numa chata de carvoeiros ouvindo a palavra de sangue de um prégador anarchista...

— E a noite do alcouce de Dabar, ouvindo as sentenças da preta Koni em dialecto do Dalmei que a velha prostituta franceza me traduzia?...

— —

A troupe Celeste passou deante dos meus olhos.

Um fregolismo bisonho arrastava aquelle espectaculo unico.

Augmentavam as garrafas de cervejas.

E eu vi Celeste-Nair, nos seus numeros de baile: O "Momento Musical" de Schubert, um velho vestido de bailarina de Opera, olhando para um céo escuro, braços e coxas apodrecidos.

Vi Celeste — Madame Rosa, a sympathica rainha do fio de ferro.

Vi a propria Celeste Pio, cantando com um vestido de 1909 um tango tristissimo.

Vi Celeste — Miss Floríppes, trapezista de *maillot* azul.

Vi Celeste — Leonilda, a mulher herculea...

— —

Fez-se o intervallo de praxe...

Ainda havia muita cerveja.

Edegardo levou a victrola e os discos, e foi cambando de somno pelo corredor.

— —

Derreada pelo alcool, as carnes devastadas pelo esforço daquelle espectaculo sensacional, Dona Celeste, sorrindo com o seu sorriso alvar na semi-nudez de suas vestes de Leonilda, a mulher-herculea, pediu-me para dispensar o fim do espectaculo:

— "Nós, eu sempre no primeiro papel, representavamos na segunda parte um drama de folego no genero da *Mulher Adultera*... Vou deixar esta parte para amanhã... Ahi o senhor vae ver o que é ser artista... Ahi sim".

— —

Olhava penalisado Dona Celeste...

Meus olhos feriram os sentimentos daquella mulher — sentimentos puros, infantis, que aquelle corpo arruinado ainda guardava.

Dona Celeste tapou a cara e sahiu correndo, quasi nua, pelo corredor escuro.

— —

Ouvi depois soluços nervosos de um pranto que, mais a mais, se avolumava.

Depois chegou o homem que apparecia sempre para jantar.

A enorme pianista pedia explicações a Dulce, a Eremita, a Edegardo.

Fui ver o que era. Disse o que se passára.

Olhavam-me, desconfiados. Não comprehendiam...

Appareceram os hospedes invisiveis...

A's quatro horas da manhã Dona Celeste morreu.

UM RECANTO GRANDIOSO DA METROPOLE

O lindo trecho da cidade, onde a Avenida Rio Branco desagua na Cinelandia

Um que foi enforcado... pela cintura pelo receio de que o pescoço não resistisse ao peso do corpo.

Judas enforcado num lampeão carioca.

A garotada, carregando em triumpho um judas, momentos antes de ser queimado.

Na hora do enforcamento...

TRADIÇÃO QUE

HA 1.900 annos o beijo, que era uma expressão de affecto e de ternura, — foi transformado em um symbolo de trahição.

Judas, — o de Karioth — ou o Iscariotes, como ficou sendo conhecido o discipulo que, por inveja, ou outro qualquer mesquinho sentimento, vendeu o Mestre aos seus perseguidores, ficou sendo a figura execranda e representativa do trahidor que, com a consciencia trabalhada pelos remorsos, se fez justiça por suas proprias mãos, enforcando-se.

A Igreja Catholica commemora, todos os annos, a dolorosa tragedia da Paixão e Morte de Jesus, immolando-se na cruz para nos salvar, e esse drama sublime passou, do symbolismo lithurgico dos templos, para as representações espectaculosas nos theatros, sendo celebres, na aldeia bávara de Oberammergau, na Allemanha, as reconstituições scenicas que se fazem em pleno theatro da natureza dos actos da Paixão com o maior rigor historico, e ás quaes se empresta um profundo sentimento de mysticismo religioso.

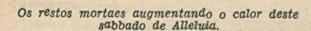
O povo não deixa de se alliar á Igreja Catholica nestas commemorações annuaes, seja acompanhando a tristeza que enluta os templos desde a 4ª feira de Trevas á 5ª de Endoenças, e 6ª da Paixão, até á alegria festiva do sabbado de Alleluia, quando os sinos cantam satisfeitos, annunciando a resurreição do Senhor.

E porque não esquece o sublime sacrificio de Jesus, — Deus feito Homem para soffrer por nós e nos salvar, — não perdôa tambem a revoltante ignominia da trahição de Judas, modelando em trapos sua figura hedionda e expondo-a á irrisão de todos, grotescamente dependurada pelo pescoço em um galho de arvore ou num poste qualquer, de modo que lembre o castigo do trahidor.

Não contente, ainda, com isto, os garotos, que "são a alma irreverente das ruas", ao romper festivo da Alleluia no alto dos campanarios, — os desancam a pau, *malhando*, valentemente, o manipanço que representa o Judas e queimando, por fim, seus destroços, em plena praça publica.

Antes de enforcar o boneco de panno, um arranjozinho de roupa não vae mal.

A expressiva "mascara" de Judas apresentada este anno no drama da Paixão em Oberammergau.

Os restos mortaes augmentando o calor deste sabbado de Alleluia.

São aspectos photographicos desse costume tradicional do povo que O MALHO reproduz hoje em

NÃO MORRE O CASTIGO DE JUDAS

O ISCARIOTES DE OBERAMMERGAU

uma das suas paginas que são tambem um reflexo da alma popular da nossa terra.

Assim fazendo, O MALHO, por sua vez, *malhou* o Judas, o maior dos trahidores da Historia da Humanidade.

Outro judas imponentissimo ornamentando uma esquina carioca.

Este não teve as honras de um poste da Light, ficando, modestamente, num portal.

ENFIAR ESTAS BOTAS NÃO E' BRINCADEIRA... NEM TODOS SABEM DESCALÇAL-AS.

ELLAS SÃO "PESADAS", NÃO RESTA DUVIDA. MAS DÃO SORTE

Onde o diabo perdeu as botas...

JA' viram como um *bacalhau* de circo se veste, em seu camarim? Uma vez mascarado, á custa de pinceladas, dadas com certa gravidade, o *bacalhau* põe a peruca vermelha, que elle póde, com a cumplicidade de uma bola cheia de ar, fazer eriçar-se para semear o terror. Depois, senta-se e, com a maior despreoccupação deste mundo, começa a calçar as celebres botinas "n.º 60," que parecem folhas de nenuphares e que elle amarra com força, para que ellas lhe não fujam dos pés, nos "momentos solemnes," lá na pista illuminada...

Em Paris, ao que nos consta, só existem dois ou tres "sapateiros de circo".

Um tem sua porta nas cercanias de Medrano e o outro trabalha em casa.

As "botas de Carlitos" custam caro, e é talvez por isso que pouca gente as adopta...

Costumam ser de couro bom e são costuradas por dentro, sem o que não permittiriam os arriscados ponta-pés nas costas.

ENSAIANDO OS PRIMEIROS PASSOS...

— Como vae, Beby?

Beby é o homem elephantesco, de voz fanhosa, que entra na pista todo catita, mettido num terno de flanella ...elastico! E com umas botas, meu Deus!... — As minhas *botazinhas* pesam mais do que o meu corpo todo! As solas são de pau *ferro* e os cordões de arame! — disse. As de Porto, o *bacalhau* do Circo Medrano, são amarellas e elegantes, quadradas nas pontas. Porto pagou por ellas 300$000. Mas as verdadeiras botas do *bacalhau* são encontradas na "Foire aux Puces", onde algum diabo empobrecido costuma *perder* as suas em troca de um tostão...

Jean Montaigne

PROMPTINHAS DA SILVA, PARA FAZER ESTREMECER A PISTA.

A QUESTÃO DOS BAPTISTAS

JOÃO BAPTISTA DE SOUZA foi preso em S. Paulo porque feriu a faca uma senhora que passeava tranquillamente com o respectivo esposo. Segundo noticiam os jornaes, o episodio imprevisto e inexplicavel póde ser assim resumido: a senhora supramencionada espairecia pelo Triangulo, enganchada ao braço do marido, quando recebeu um encontrão proposital e, logo a seguir, sentiu dor na perna. Sentiu a dor e viu depressa manchar-se de sangue o vestido. Os jornaes não dizem mas é muito provavel que a victima, justamente alarmada, gritasse, toda nervosa: "Ai Jeremias, estou ferida!" E tanto é razoavel essa supposição, que o indigitado marido, Jeremias ou não, appellou com energia para as gambias e saiu no encalço do do aggressor. Preso, então, o aggressor, que era o tal Baptista, foi conduzido á delegacia e interrogado immediatamente. Não negou, aliás. E ainda confessou, perfeitamente sereno, que viera a pé de Itararé "só para matar mulheres". O delegado deve ter sentido percorrer-lhe a espinha dorsal aquella friagem precursora do receio que causa sempre a presença muito proxima de algum desvairado. E naturalmente perguntou, querendo duvidar: "Para matar mulheres?" Ao que o Baptista respondeu de certo, calmissimo sempre: "Sim senhor, para matar mulheres. Odeio-as a todas". A acção policial, é claro, não proseguiu. Tratava-se evidentemente de um irresponsavel que seria deshumano trancafiar no xadrez. O logar mais adequado para elle era o manicomio, portanto. E o João Baptista de Souza, desprovido do facão com que pretendia castigar as mulheres, foi sem demora recambiado para Juquery, onde é de desejar que permaneça bem guardado, para segurança das senhoras incautas e socego do seu proprio espirito desarrumado. O facto, a julgar pelo que informam os jornaes, não tem importancia alguma. Nem existem consequencias mais sérias a lamentar. De resto, um louco a mais não constitue perigo imminente para a humanidade. Tambem não é original sequer essa preferencia allucinada pelas pernas femininas. Aqui no Rio já tivemos um doido que possuia exactamente a mesma especialidade. E este não chegou a ser recolhido, o que importa em accrescentar que, se não se curou, reapparecerá qualquer dia. Todavia, a maneira desassombrada e surprehendente como confessou o seu odio ás mulheres empresta ao Baptista de S. Paulo certa singularidade que dá o que pensar. Singularidade que é maior pela coincidencia do nome. Com effeito, parece que os Baptistas não têm muita sorte com as mulheres. A começar por aquelle Baptista, João, só, que pagou com a cabeça o crime de resistir aos encantos fataes de Salomé. A historia é conhecida. Salomé, ferozmente apaixonada, tudo fez para seduzil-o. Mas o Baptista, que era duro á tentação da carne, aguentou com bravura e dignidade. Desesperada, a terrivel mulherzinha experimentou, por derradeiro, a ameaça. Não mais a ameaça deliciosa do fogo do seu amor, mas, sim, do chanfalho degolador dos soldados de Herodes.

Baptista não cedeu. Resultado: ficou sem a cabeça, que não quizera perder por ella, e transmittiu atravez milhares de gerações o odio que o dicto de Souza tem pelas mulheres. Porque eu enxergo nesse cortador de pernas, preso em S. Paulo, traços da tára secular que se perpetúa em todos os Baptistas.

Não importa que seja louco, esse outro. O Baptista da Salomé não devia ser tambem muito sensato. Se fosse, seria menos intransigente e mais humano. Os medicos que examinaram o de Souza necessariamente encontrarão a perfidia feminina como origem sub-consciente das suas allucinações persecutórias. E' um recalcado, sem duvida. Na sua vida sentimental houve com certeza alguma Salomé mulatinha bem arredondada e trepidante, que na hora da escolha definitiva preferiu criteriosamente os pelludos afagos do honrado vendeiro que ha muito tempo lhe deitava olhares gulosos, torcendo a bigodeira. Todos nós temos accidentes semelhantes. Mas, como estamos isentos da influencia nominal, não renunciamos por isso ao amor. Pelo contrario, até. A decepção estimula os sentidos e passamos a adoptar a formula de Sterne, que achava necessario amar a todas as mulheres, para poder amar uma mulher. O João Baptista, embora de Souza, em virtude de predisposição congenita e por uma fatalidade que está adstricta ao nome que lhe deram, não podia, porém, interpretar com a mesma superioridade o apreço especial que tinha pelo dinheiro do taberneiro bigodoso aquella leviana. Soffreu com o abandono. E acabou perdendo o juizo, a ponto de vir a pé de Itararé para iniciar a guerra ás mulheres. No fundo de todo o inimigo do sexo ha sempre um grande amoroso fracassado. As mulheres adóram os homens audazes e fortes. O desgraçado que nasceu escanifrado e timido tem que se contentar com as que sobram. E não sendo estas, como é de ver, attractivas, a resignação é difficil e é quasi impossivel evitar o despeito, que é um sentimento que nunca suggere attitudes heroicas. Não é o caso, porém, do João Baptista de Souza, cuja mioleira não está integra, positivamente. O caso delle é mais grave e mais complicado. Porque não se limita a detestar; quer supprimir as mulheres todas que existem. Para mim, é a velha questão dos Baptistas, que se reproduz...

RICARDO PINTO

SALADA HUMORISTICA

O PACATO

FILHO, embora, do mesmo logar onde só tinham nascido caboclos bravos e fortes, amigos das refrégas e dos lances arriscados; nascido, embora, no sertão, vivendo com gente intrépida, destemida, o Manoel da Silva degenerára. Com aquêle corpanzil de caboclo sadio, com aquela invejavel musculatura de atléta, o Manoel podia impôr respeito a qualquer sertanejo traquejado. No entanto, era um cobarde. Nunca o viram, ás tardes, nas estancias, após os serviços, montar um pôtro bravo, deixá-lo ir pelas devêsas, aguentar-lhe os pulos, e domá-lo; nunca provocára "bafafás" nos festejos e sambas da redondeza. Era pacifico, cordato, bonachão. Caboclo de eito. Um pamonha. Certo dia, era um domingo, dia de folganças, de alegrias sertanejas. A taberna do Filipe Turco estava repleta de caboclos que bebiam e folgavam. Lá pelas tantas, apareceu o Manoel, todo pachóla, gingando sua bengala de cabo de guarda-chuva. Ao vê-lo, o Geraldino, um fraco, gritou:

— O' Manoel, vamos beber um pouco?

E apresentando-lhe um copo cheio de pinga:

— Bébe!

— Você sabe que eu não bêbo.

— Não bébe?! Você ha-de beber. Não é melhor do que nós.

O Manoel desculpou-se. O alcool lhe fazia mal. Mas o Geraldino não aceitou a desculpa e prometeu atirar a bebida no rosto do Manoel se êle não a tragasse. Prometeu e cumpriu. O Manoel quiz reagir. Aquilo era uma avania que precisava repulsa. Mas o Geraldino acalmou-o com alguns sopapos. Os caboclos se entusiasmaram com o que acabavam de presenciar. Felicitaram vivamente o Geraldino e vaiaram o Manoel.

— Fóra o Pacato! Fóra!...

Dêsse dia em diante, o Manoel da Silva teve o seu nome trocado pelo apelido — Pacato.

Apanhar assim de um "catira" como o Geraldino, era uma vergonha, uma indignidade. E os caboclos, nos dias subsequentes, deprimiam o Manoel com piadas e motêjos.

— O' Pacato, você viu por aí o Geraldino?

— O' Pacato, o Filipe Turco mandou-lhe lembranças.

O Manoel não resistia mais aos chascos dos caboclos. Não podia mais viver no meio daquela gente. Saiu, um dia, do arraial. Ia ao Deus dará. Sem destino. Viajou durante todo o dia e, á tardinha, parou em frente de uma taberna de arraial. Mal chegára, um sujeito de má fisionomia, que estava junto ao balcão, gritou:

— O' môço, vem beber.

O Pacato desculpou-se, agradeceu. O alcool lhe era prejudicial.

— Ou bébe ou lhe atiro a bebida na cara!

Pacato viu reproduzida a cena da venda do Filipe Turco. Mas, dessa vez, recebendo no rosto a bebida, sentiu o sangue subir-lhe á cabeça; reagiu energicamente. Atirou-se com coragem ao individuo que o ludibriara e que armado de afiada faca já o esperava. Pacato, dobrando com agilidade o corpo para um lado, livrou-se da faca de seu contendor e, com bôa "rasteira", prostrou-o na calçada. A faca caira das mãos do adversario e Pacato, apanhando-a, fê-la em pedaços. O outro levantou-se meio tonto pela quéda e atirou-se contra o Pacato, mas recebeu nova "rasteira" e caiu desamparadamente na calçada num baque mortal. O taberneiro, que tudo apreciára, chamou então o Pacato e estendeu-lhe a mão.

— Parabens. O senhor livrou o arraial dum temivel bandido. Este que aí fica, para não mais se levantar, era o terror da zona. O senhor merece um premio. Para onde vai?

— Procuro emprêgo.

— Póde considerar-se empregado. Vou apresentá-lo a um fazendeiro, sem parentes, já velho e que tem sofrido as maiores afrontas dêsse bandido. O senhor, pelo que fez, merece uma recompensa.

Quinze anos depois, cansados de longa jornada, chegaram, á tarde, á Fazenda da Vargem Alegre, dois caboclos. Subiram á varandinha, perguntaram o nome do dono da fazenda.

— O dono é o capitão Manoel da Silva.

— Capitão Manoel da Silva?

— "Sim, senhores. O homem mais valente da redondeza. Mas muito bom". Quando o fazendeiro apareceu, um dos caboclos ficou visivelmente perturbado. Haviam-se equivocado, pensavam que era ali a fazenda do coronel Joaquim Nonato.

— Não é por estas bandas. Mas a casa está ás ordens.

O outro agradeceu. Queriam aproveitar o resto da tarde, continuarem a jornada. E se despediram. No caminho, o companheiro perguntou, contrariado:

— Que moda é essa sua, Geraldino? Estamos procurando emprego e você sáe com aquela historia da fazenda do coronel Joaquim Nonato, e nem o café do homem quiz aceitar.

— Cale a bôca, homem. Você não reconheceu o capitão Manoel da Silva, o homem mais valente da redondeza?

— Não.

— Pois é êle o Pacato, em cuja cara atirei um copo de cachaça, dando-lhe, além disso, muitos sopapos, na venda do Filipe Turco.

— O Pacato?! Bem vi que aquela cara não me era estranha.

E, receiosos de Pacato os ter conhecido, os dois caboclos apressaram o passo, acompanhados de longas sombras no caminho, á luz frouxa do sol prestes a esconder-se. — **ORLANDO DE SOUZA**

D'aqui, d'ali, d'acolá...

POR FRAGUSTO

BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO, "o voador" nasceu na vila de Santos em 1685. Indo se instruir em Portugal, entrou para a Universidade de Coimbra onde se formou em Canones. Em 1709, apresentou-se o sacerdote na corte de D. JOÃO V dizendo ter descoberto **"um instrumento para se andar pelo ar da mesma sorte que pela terra e pelo mar, e com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas e mais leguas de caminho por dia"** . . D. JOÃO recebeu-o bem e, á sua custa a maquina foi experimentada. Ao subir porém, bateu n'uma cimalha, e veio ao chão. Isto bastou para que todos o apupassem e escarnecessem. Ha uma colletanea de poesias da epoca, todas mais ou menos ridicularizando o inventor. Uma delas começa assim:

"Icaro de baêta tonsurado
Andarim do diaphano elemento
Que em Pacabote de não visto invento
Queres ser pensamento e dás cuidado.

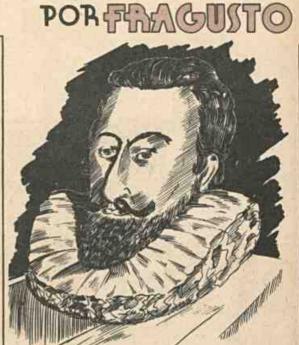
— Pobre como era, **GUSMÃO** não poude fazer segunda experiencia e perseguido mais tarde pelo Santo Oficio fugiu para Toledo onde faleceu a 18-11-1724, em tal miseria que foi enterrado a custa da irmandade dos eclesiasticos de S. Pedro d'aquela cidade que pagou pelo enterro "5 pesos e 6 reales".

BARTHOLOMEU DE GUSMÃO era muito versado não só na jurisprudencia, como em humanidades. Sabia com pureza a lingua latina, falava com prontidão a franceza e a italiana e tinha grande intelligencia da grega e hebraica. Exerceu com aplauso o ministerio do pulpito. Tinha tal memoria que abrindo um livro que n'unca tivesse lido, depois de ler 2 ou 4 paginas uma só vez, repetia-as fielmente e o que mais admirava era repetil-as tambem debaixo para cima!

O NUMERO DOS VOCABULOS PORTUGUEZES

Segundo contagem feita no Dicionaro AULETE, é o seguinte o numero de palavras portuguezas:

A —	6.161
C —	5.634
E —	5.607
P —	4.220
D —	3.698
S —	3.383
M —	3.278
R —	3.160
T —	3.043
I —	2.842
B —	2.017
F —	1.999
L —	1.532
G —	1.496
V —	1.479
O —	1.170
H —	823
N —	793
J —	473
Q —	463
U —	461
Z —	217
K —	166
X —	62
Y —	17
W —	13
	54.207 vocabulos propriamente ditos.

O senhor Alvaro da Silveira no seu livro "A Matematica na Musica e na Linguagem" avalia as flexões dos verbos em 691.101, as variações só em numero em 27.103 e as variações em genero e numero em 32.524, subindo assim o numero total de palavras portuguezas a 804.935.

HENRIQUE IV E O 14

HENRIQUE IV de França nasceu 14 seculos, 14 décadas e 14 anos depois de Christo. Nasceu a 14 de Dezembro, morreu 14; o seu nome, Henri de Bourbon, compunha-se de 14 letras; viveu 4x14 anos, 4x14 dias e 14 semanas; foi ferido por João Chatet 14 dias depois de 14 de Dezembro em 1594. D'este ano ao do seu falecimento medeiam 14 anos, 14 mezes e 14 vezes 15 dias; ganhou a batalha de Ivry a 14 de Março; foi morto a 14 de Maio,. O assassino RAVAILLAC foi executado 14 dias depois de cometer o crime em 1610 que é exatamente divisivel por 14 que entra naquele numero 115 vezes. O filho mais velho de HENRIQUE nasceu 14 dias depois de 14 de Setembro e foi batisado a 14 de Agosto.

ILUSÃO OTICA

Das 3 ruas **a, b** e **c** da figura ao lado, tirada da planta de uma cidade, **a** parece ser a mais comprida e **c** a mais curta, mas são todas eguaes.

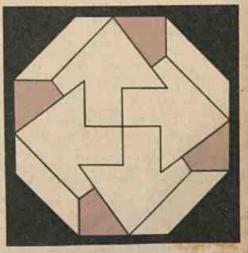
INCOMENSURAVEL

Muitas pessoas querendo falar de um numero muito grande dizem um numero, incomensuravel. A locução é má, porque ha numeros incomensuraveis p e q u e nos e grandes. Assim por exemplo $\sqrt{2}$ vale 1.4142... e "pi" vale 3,141592... etc.

Solução do problema proposto no numero anterior

PARA OS PIRRALHOS

Com 3 linhas dividir este quadrado em 8 partes. No proximo numero, a solução.

MARCHA NUPCIAL

VEM commigo! Pela noite faiscante como uma joalharia, cujas celestes esmeraldas mordessem o reposteiro dos seculos, seremos deuses de luz e sombra... Assim unidos, enlaçados, cadenceando o passo pelo mesmo rythmo, na exaltação de todos os lyrismos, no extase total da nossa humana essencia, transfundindo nossas palavras em musica, prolongando-as em silencio, na adoração reciproca dos olhos, conquistaremos a immortalidade!

— Em que taça bebeste, que vinho foi que te embriagou, que cegueira te offusca e te desvaira, que assim queres levar-me tão sem cuidado e sem temor pela noite inviolada?... O ar está frio e me faz tremula.

Ha precipicios pela estrada e tu só pensas em contemplar as estrellas. Tardias são as horas e dentro em pouco ouviremos o appello daquelles que esperam por nós.

— Em vão os parques se entenebrecem de mysteriosas furnas, em vão as flores anoitecidas pendem os calices para o chão, e as aves esquecem seus gorgeios no agasalho das plumas. Nada vejo além dos nossos proprios vultos em reflexo na superficie dos lagos, nada quero ouvir além da resonancia intima de nossos corações em nupcias, de nada sei sinão que nos amamos...

— Amanhã, que será? A madrugada nos surprehenderá como creanças abandonadas na praia, a encher de areia as mãos alvas e ingenuas? Arrastar-nos-emos ao longo dos caminhos como mendigos escorraçados? Rolaremos pelo despenhadeiro abaixo amaldiçoando-nos um ao outro, ou esquecidos de hoje, estaremos a errar, distanciados, pelas ilhas desertas?...

— Amanhã... Que importa o amanhã? Não sentes que a belleza da vida se resume neste momento, não vês que se faz bello tudo quanto nos rodeia, que ninguem é mais forte do que nós na hora em que desafiamos o universo por um beijo, que somos puros na acceitação dos soffrimentos vindouros?

— Eu sei de tantos que se arrependeram...

— Os que o proclamam, querem ludibriar-nos. Em verdade, ainda que hajam soffrido todas as torturas que o amor reservou para os que sabem amar, do fundo da alma dolorida qualquer cousa se erguerá bradando, numa defesa heroica, contra a mentira do arrependimento. Porque este instante compensa toda a amargura do passado, vale toda a esperança do futuro.

— E si a chamma extinguir-se a uma lufada de vento? E si tudo voltar á poeira de onde veiu? E si houver naufragos clamando por soccorro no alto mar, á nossa passagem?...

— Estamos acima da inutilidade destas palavras, acima das investidas do destino inclemente, acima da nossa propria piedade pelos males alheios.

— Si alguem chorar por nós?...

— Ha sempre quem chore na treva pelo relampaguear da nossa illusão... Mas é mister que esta illusão seja ao menos perfeita em meio ás ruinas de em torno, que não seja molhada de lagrimas a primeira floração dos cardos. Vamos para bem longe, lá onde não se possam ouvir os suspiros daquelles que se esquecem de que, ha vinte annos atraz, tiveram um deslumbramento igual, fizeram uma identica jornada. Quantas noites insomnes não foram o prenuncio desta ephemera gloria, quanta amargura recalcada não serviu de alicerce a este castello de nuvens, quanto desprendimento não nos foi preciso para que chegassemos a esta culminancia de comprehensão ainda que seja por espaço de um minuto? Vem! O caminho é nosso. E' nossa a vida. O desejo supremo dos que amam deve ser respeitado como a derradeira supplica dos que agonisam... Qualquer cousa em nós vae morrer para se desdobrar no infinito.

Por aqui passaram todos os homens. Transfigurados de felicidade.

Passaram. O amor, porém, ficou, immutavel como uma esphynge, immutavel e eterno como um deus.

HENRIQUETA LISBOA

LAURA INGALLS, a famosa aviadora norte-americana, momentos após sua chegada ao Campo dos Affonsos. A arrojada aviadora, campeã mundial de *loopings*, vem de cobrir, com absoluto exito, em vôo solitario, um raid New York-Buenos Aires-Rio. Varias homenagens lhe foram prestadas, nesta capital, entre as quaes se destaca o almoço no Automovel Club, patrocinado pela Standard Oil Co. e pela Associação Brasileira de Imprensa, do qual damos aqui dois aspectos.

RECANTOS DE PETROPOLIS

A poesia do lago tranquillo, em plena matta, sob os céos risonhos da "Serra".

—

Um instantaneo da Piscina, na encantadora "Crèmerie" petropolitana.

RAUL ROULIEN VITORIOSO OUTRA VEZ AO LADO DE ROSITA MORENO

Rosita triunfa...

Raul e Rosita.

Raul triunfa por sua vês...

Festa a Raul

Fim de festa...

"NÃO deixes a porta aberta", filme falado em hespanhol apresenta-nos o nosso Raul, novamente, em um papel estelar ao lado de Rosita Moreno, a linda atriz-bailarina que o Rio hospedou por horas ha alguns mezes. Roulien sobe mais um degrão da escada da celebridade. Não atúa sómente como ator mas como compositor tambem, pois que a maioria das canções que canta é de sua autoria.

A comedia é interessantissima e hilariante. Raul e Rosa esposos amorosos e ciumentos não se dão descanso. Rosa, porém, resolve descansar... os nervos e toma ferias conjugais. Para isso parte só em viagem de recreio. Raul não se conforma, disfarça-se em creado de bordo e passa a viver uma vida de martirios. A mulher atrai multidão de conquistadores e como é coquete não recua deante das situações ousadas...

A Raul não faltam, tambem, admiradoras, ao que ele, apezar de preocupado, não é insensivel de todo. Então... O resto poderá ser visto no Alhambra a partir de segunda-feira prôxima.

Com Raul e Rosita trabalham em papeis de destaque Mona Maris e George Lewis alem de outros. Os ambientes são elegantes, as cenas, deliciosas.

TODO O RIO VAE CANTAR DE NOVO EMBALADO-RAS VALSAS VIENENSES

A Ufa produzio mais um daqueles primorosos filmes seus vivido em um passado não muito remoto em que ha muita musica — a bôa musica vienense — e amor, o amor gostoso de ser sentido pois que só leva ao prazer e á alegria. Intitula-se "Guerra das Valsas" e são seus protagonistas Fernand Gravey, Jeanine Crispin, Madeleine Ozeray e Dranem. A musica é de Laner e Strauss e é bonita e inspirada, suave e maviosa. Um exito seguro como o de "Valsas Vienenses" e "O congresso se diverte".

Henrique VIII será classificado como um dos grandes filmes do ano

Merle Oberon em Ana Bolena

O London Filme de que é distribuidora a United Artists apresentou hontem no Gloria uma das suas produções de classe "Henrique VIII", um primor de tecnica e execução com um grande artista no principal papel Charles Laughton e um grupo de outros admiraveis que depressa se popularisarão entre nós. Dirigio-o Alexandre Korda, capacidade já consagrada. Que nos conta o filme? Os amores de Henrique VIII, a vida privada desse famoso rei que foi um outro Barba Azul, casou seis vezes... Que agasalhava a preocupação doentia de fortaleza e de uma virilidade milagrosa... De inicio, fala-nos a intriga de execução de Ana Bolena, sua segunda mulher, na Torre de Londres, sendo Henrique noivo já de Jane Seymour. Jane morre e o rei não oculta seu interesse pela formosa Katheryn Howard que foi afinal sua quinta esposa, porque a politica fê-lo desposar Ann of Cleves de quem depressa se divorciou. Mas Henrique envelheceu... Atura-o com os seus achaques sua sexta esposa Katherine Parr, a ama dedicada de seus filhos

Henrique VIII pae, afinal!

Ann of Cleves (Elsa Lanchester) e Henrique VIII na noite de nupcias.

Charles Laughton em Henrique VIII, Rei da Inglaterra

Ha alguem forte bastante que possa se bater com Henrique VIII?

O bar Ucksy fervia de frequentadores

Horripilante assassinato a metralhadora, em São Paulo

O Dr. Abelardo Laurentino estava morto de assombro. Era o primeiro assassinato paulista, a metralhadora. Isso todavia, se por um lado éra indesejavel, por outro lado mostrava o truculento progresso de São Paulo. O Rio, capital do paiz, Babilonia que sacoleja todas as raças, ainda não tivera um crime daquele esplendido estilo ianque.

O Dr. Abelardo, chefe da Delegacia de Crimes de Morte, estava realmente bebedo de assombro. Ele tinha decido a um minuto do seu indisfarçavel automovel vermelho, com o escrivão Caminha e os secretas Pedrão e Carapiá, auxiliares de sua solerte confiança. A vitima estava estendida á porta do bar Ucksy, á Avenida São João, ferozmente metralhada. A digna autoridade olhava aqueles despojos sangrentos e retorcidos. Uma das balas arrancara a parte inferior do queixo, e outra fizera dançar um olho, pondo-o todo para fóra, como um ovo de gelatina roxa e fresca.

— E' horrivel!... — declarou o delegado, dentro da massa de povo, que acorrera alarmado pelos disparos tragicos.

— E' um desaforo tambem. Onde já se viu cometer um crime desta ordem, neste logar asfaltado? Para mim, só onça é que se deve matar a metralhadora. Onça, porco do mato, ou heroe... na guerra!

Este era o modo de pensar de Caminha. E se ele o externou ali, com uma certa liberdade, é porque contava com o apreço e mesmo uma pontinha de admiração do seu augusto chefe.

O Dr. Abelardo manteve-se num silencio cheio de altas indagações especialisadas. Gastou nessa nobre tarefa, lá dentro das paredes da sua cachola, mais um meio minuto.

A multidão estava suspensa, em silencio, interrompendo o transito

Foram iniciados os procedimentos legaes, de fecunda policia cientifica.

De modo que meia hora depois, dissolvia-se o ajuntamento. O cadaver ia numa ambulancia para o necroterio da policia. O automovel vermelho roncava, levando os quatro auxiliares da justiça.

A Avenida São João entrou na sua normalidade azulada, rasgando-se para o fundo do céo. Atraz, era o largo do Paysandú, saboreado voluptuosamente pelos caftens, bambas e jogadores. Mais em cima, no centro da cidade gigantesca, de onde outrora se arrancavam as bandeiras que ajudaram a descobrir o Brasil, e mais um pouco da America do Sul, fincava-se o arranha-céo Martinelli, brutalmente saltado para as nuvens. Ali, á noite, as vias lateas e os cruzeiros do sul das reclames fulguram, arcoirisando a garôa. Lá no céo, de um cristal frio e esverdeado, sem nuvens, dois aviões da Força Publica apostavam corrida, como fazem os chauffeurs de praça, cá nos chãos da dita Avenida.

O bar Ucksy fica atraz do Hotel Suisso, este de um cunho suave e internacional, e não fecha dia e noite. Lá na esquina do Suisso principia a rua Amador Bueno, que gosa da estupidez preta de uma iluminação a gaz, em raros lampeões. As noites ali se povôam de vultos polacos, atraz das portas, murmurando afetos baratos aos transeuntes masculinos. E' a rua do meretricio.

O bar Ucksy conta com a freguezia dessa rua, e de noite desafina a sua orchestra de bohemios barrigudos em cima dos frequentadores promiscuos. Caras patibulares com zig-zags de gilvazes, olhos malaios que o opio sujou, narizes esborrachados por algum murro alcoolico num remoto porto do Pacifico (via Santos), vendedores ambulantes russos que de noite gastam á larga, filhos-familia fim de raça e fim de cafezaes ipotecados, de bigodinho; otarios de amor, caipiras endinheirados, mulheres pintadas caçando a chave da porta do hospital, figuras de teatro, gente boa e gente ruim; tudo isso fica ali gosmando, vivendo, morrendo, até que clareia o dia, e que os pardaes começam a piar cinicos nas arvores.

Eram quatro horas da tarde, luminosamente. O bar Ucksy estava calmo e familiar. Uma mulher veiu num automovel e entrou no bar. Aquele homem, que estava parado deante das portas, voltou-se para entrar tambem. Mas ficou ainda um pouco de costas voltadas para a Avenida, assuntando. Foi quando passou um automovel novo e vulgar, como ha muitos. Não diminuiu a marcha, e fez fogo, metralhou o homem de costas, quebrando comodamente a primeira esquina. Só uma das balas agrediu, lá nas prateleiras de bebidas finas, a solenidade do bar. Uma garrafa de legitimo uisque teve sua barriga assaltada pelo aço desembestado.

Havia passado uma semana desse feito barbaro. Os jornaes tinham dado edições especiais, numa nuvem luminosa de conjeturas. Mas nada se adeantara sobre os autores do crime.

Todavia, o Dr. Abelardo concluira uma verdade inabalavel. A vitima tinha duas balas de metralhadora, enegrecidas de polvora, serenamente dentro dos dois bolsos superiores do colete. Nesses bolsos havia tambem limalha de iman, um pouquinho.

O Dr. Abelardo, com o seu olho especialisado, chegara á seguinte conclusão: a vitima, por acaso, tinha nos bolsos do colete limalha de iman; varado pelas costas por duas balas, o que se dera de fato, o infeliz assim dera margem ás balas para se deixarem atrair pelo iman; portanto, os projetis, varando a carne, tinham tonteado, e imediatamente tinham arrepiado carreira, subindo um pouquinho, e entrando nos bolsos do colete, atraidos pelo iman; de outro modo, como se explicar a presença das balas assassinas no bolso do proprio assassinado?...

O Dr. Amando Soares Caiuby, autoridade de raro esforço e boa vontade, inncançavel mesmo, trocou ideias com o seu ilustre colega Dr. Cizalpino de Souza. E resolveram levar o diabolico problema ao conhecimento do detective amador Paulo Borborema, chefe do Departamento de Reportagens Especiais, do "Diario da Paulicéa". Procurado o policia, já notavel pela descoberta de criminosos espertissimos, alguem informou que Borborema ha dias vinha se entregando á farra, e se recolhia á hora da primeira missa em São Bento, minuciosamente bebedo.

O Dr. Abelardo, quando soube disso, sorriu com finura piedosa, e declarou:

— Aquilo é um coitado! E' pena, porque se trata de um paulista de raça.

O escrivão Caminha se apiedou:

— Aliás, se ele precisar de nós... Coitado!...

Eram duas horas da madrugada. O bar Ucksy fervia de frequentadores, e nalgumas mesas estourava Clicquot. Num dado momento, Paulo Borborema, que ocupava uma mesa com outro sujeito, levantou-se e dirigiu-se a dois moços, que acabavam de entrar e se assentar. Disse-lhes:

— Vocês estão presos!

Mal acabou de falar, um soco medonho, de um punch de aço, passou-lhe no lugar onde um instante antes o policia tinha os queixos. Ele abaixara a tempo de não ser fulminado, nocauteado magistralmente. Mas revidou, num relampago. Com cada uma de suas mãos de ferro, agarrou pela gola cada um dos patifes; e fechou os braços, como dois malhos que se chocam. As cabeças dos dois bandidos bateram uma na outra violentamente.

Fechou o tempo no salão. Foi um alvoroço furioso. Mas, dez minutos depois, os dois feridos eram metidos num carro da policia, e rodavam para a Delegacia de Crimes de Morte.

Paulo Borborema explicou da seguinte fórma como deslindara o crime:

— "No dia que mataram Alberto Neville — era o nome da vitima — eu me achava á porta da barbearia Para Todos. Corri naturalmente para o local do crime, e assisti a todos os procedimentos policiais. Tendo-se dado a tragedia á porta do bar Ucksy, frequentado por gente perigosa, extranhei a autoridade retirar-se sem correr uma vista de olhos pelo estabelecimento, fazendo uma sondagem ladina naquele ambiente. Tanto mais quanto Neville se dirigia para o bar, quando foi metralhado. Compuz, pois, uma cara a mais cretina possivel, e dirigime ao bar, sentei-me num reservado. Bebi de um trago um chôpe duplo, e dei uma ótima gorgeta ao garçon, unico naquela hora de pouco movimento. Perguntei-lhe pelo crime, e ele deu á lingua, serviçalmente. Disse-me que nada vira do crime em si, mas... — e ahi o garcon sentou-se — "que estava á porta, quando viu uma mulher qualquer passar por Neville, e trocar com ele palavras rapidas e sorridentes. A mulher entrou no bar, sentou-se num reservado. E, quando ele garçon veiu servil-a, encontrou-a passando rouge nos labios, fazendo-se bonita. Estrondaram os tiros lá fóra. A mulher ergueu-se, retirou-se depressa, esquecendo sobre a mesa o baton de rouge". Dizendo isto, o garçon mostrava o baton, como uma coisa insignificante. Eu tomei com pouco caso o objeto de adorno, e verifiquei que ele deveria ter sido comprado pouco antes. Sua dona nem tivera tempo de usal-o. Sahi indiferentemente, com o baton no bolso, e corri ao Mapin, porque o baton tinha essa marca na capsula de metal. Nesse estabelecimento de elegancias, me informaram que até aquela hora, uma hora antes, só tinham vendido um pau de rouge, a credito, com um vidro de essencia carissimo. A compradora fôra Mme. Balesteros, que morava com o capitalista celibatario Cecilio Azamor, em Higienopolis. Passei a rondar o respetivo palacete, e vi Mme. sair varias vezes, na sua Cadillac. Parecia uma senhorinha, palida e morena, de uma beleza discreta e virginal. Soube que o capitalista se apaixonara por ela ha alguns mezes, tirando-a de uma pensão chic do largo do Paysandú. Azamor é velho. Um dia fiz-me de chauffeur de casa rica, e convidei Petrone, que é o chauffeur de Azamor, para tomar um trago. Bebemos alguns uisques, e não tardou que ele me contasse os podres dos patrões, como faz todo chauffeur que se préza... Disse-me Petrone que Mme. conversava na cidade, em pontos solitarios, com um individuo alto e corado, de cabelos vermelhos, tipo abrutalhado. E que uma tarde, depois de Mme. conversar com esse sujeito, numa rua selvagem do Jardim America, surgiu um automovel, que parecia vir seguindo o de Mme. Desceram dois sujeitos, e Mme. os esperou amedrontada. Eles discutiram com ela em hespanhol, e foram-se embora. Que ele Petrone ia pedir á patrôa um aumento de cem mil réis no ordenado. Se ela não concordasse, ele contaria tudo ao patrão. Que a patrôa um dia foi de bonde á cidade, e voltou doente, tremula, palida como uma defunta..."

"Estas declarações de Petrone — continúa Paulo Borborema — me alegraram, pois Alberto Neville, o assassinado, tinha os cabelos vermelhos. Era justamente o tipo descrito por Petrone, e que conversava com madame nos lugares solitarios. O motorista era um pau dagua de mão cheia, e eu, dizendo-lhe que tinha tirado dez contos na loteria, passei a convidal-o todas as noites para a farra, percorrendo de preferencia os lugares frequentados tambem pelos maus elementos sociaes. Petrone me prometeu mostrar, quando os encontrasse, os dois individuos que tinham discutido com a sua patrôa, e relacionados fatalmente com Alberto Neville, o metralhado, amante dela segundo as aparencias. Eu não desesperava de encontrar esses dois sujeitos, frequentadores certamente do bas-fond, conforme Neville o era, dizendo-se rico negociante ambulante. Mas, na realidade, levando uma vida dissoluta. Petrone não estranhou o meu interesse em querer conhecer os dois sujeitos. Passaram-se muitos dias, sem resultado algum. Eu já desesperava, supondo-os foragidos de São Paulo. Foi quando, uma noite, Petrone deu com eles de cara, num botequim da rua Amador Bueno. Ele mos mostrou discretamente, conforme eu o recomendara. Eram dois homens vulgares, robustos e vestidos regularmente, muito parecidos. Localisei a morada deles, uma sala de frente, com entrada independente, na rua do Gazometro. Com uma chave falsa ali penetrei na noite seguinte, quando eles não estavam, e procedi a uma busca. Nada achei de culpavel; ia me retirar, profundamente decepcionado. Vi então uma laranja bahiana esplendida, em cima de uma mesa grosseira, propria para trabalhos mecanicos, pois os dois individuos se diziam mecanicos de profissão, especialistas em radio. Eu te-

(Conclue na pag. 33)

BLUME[NAU]

A obra pri[ma da gran]deza catha[rinense]

O desmembramento do municipio de Blumenau, golpe imprevisto, vibrado na prosperidade e na grandeza dessa communa catharinense ecoou de modo doloroso e prolongado por toda parte.

E' que Blumenau era, de certo modo, um municipio

Vista parcial da cidade de Blumenau

modelo pelo seu progresso, pela sua organização social e, até mesmo, pela sua cultura. Fundada por um admiravel espirito de constructor a bella cidade catharinense nasceu já apparelhada para vencer. De facto, ao lançar os alicerces dessa perfeita cellula de trabalho, o Dr. Hermann Blumenau, com o seu feitio patriarchal, deu-lhe uma organização social e economica que não podia deixar de fazer da povoação nascente um grande nucleo de progresso. A população desenvolveu-se como uma grande familia, dirigida por um chefe de clan que possuia todas as qualidades que distinguem um perfeito conductor de homens.

Um trecho da rua Quinze de Novembro

A ponte Garcia e o Hotel Holetz.

O posto sobre o rio Garcia

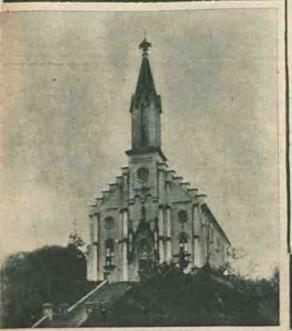
A rua Dr. Blumenau, com a sua bellissima avenida de palmeiras.

primeira riqueza baseou-se na exploração dire- . do solo. Da industria extractiva, da agricul- ra e da pecuaria, surgiram as industrias fabris, mentadas com a materia prima do local. E vieram os nucleos urbanos. Es- beleceu-se um intercambio perfeito entre o campo e a cidade, de tal modo um entrava pelo outro, confundindo-se. Tão intensa é a vida com- rcial, o intercambio de mercadorias, de idéas, de cultura, entre o cen- urbano e o centro rural, que é impossivel distinguir, no rico municipio tharinense, o operario fabril do trabalhador do campo...

Com esse feitio, facil foi a arrancada de Blumenau para a frente. em 1927, dispunha de 180 escolas, cinco jornaes e exportava a bagatella 32.000 contos. Em 1926, quando por lá andou, o Sr. Washington Luis se enthusiasmou tanto com a organização administrativa de Blumenau, com o seu patrimonio de riquezas creadas, as suas estradas magnificas, a sua ordem e a sua solida prosperidade, que acabou fazendo do ultimo grande administrador do municipio, o seu Ministro da Viação: foi o Sr. Victor Konder.

ma da gran- rinense

O Brasil inteiro conhece o progresso de Blumenau e sabe da independencia e da altivez da sua laboriosa população. Por isso, toda gente sentiu e lamentou o golpe vibrado no grande municipio catharinense, com o protesto de toda a imprensa do paiz e de vozes autorizadas, como a do deputado Adolpho Konder, figura illustre da politica daquelle Estado.

Pelas illustrações destas paginas, póde-se apprehender o encanto, póde-se dizer, rural, da cidade de Blumenau, prospera, pacifica, altiva, modelar em todos os sentidos.

A matriz catholica de Blumenau

Dr. Hermann Blumenau

Jarbas de Carvalho

BANCO ECONOMICO DO BRASIL

NA ultima Assembléa Geral, o Banco Economico do Brasil, tomando conhecimento da renuncia do seu presidente, Dr. Lindolpho Xavier, elegeu para substituil-o o Dr. Randolpho Fernandes das Chagas, e tomou varias outras providencias, inclusive reformar os estatutos e alterar a organização interna daquelle importante estabelecimento de credito. Foi reeleito director-thesoureiro o professor La-Fayette Côrtes, continuando na gerencia o Sr. Camillo Altilio Filho, joven banqueiro de grande actividade e clarividencia, sahido, pelo seu esforço pessoal, do proprio quadro do funccionalismo do referido Banco.

Camillo Altilio Filho

ARTICULAÇÕES DE UM GOVERNO DELEGADO

JORNALISTA, conteur, chronista, Jarbas de Carvalho revela uma nova face do seu talento de escól, com um novo livro — um bello volume de critica politica, ensaio cheio de observações agudas e de apreciações sobre factos e coisas de palpitante actualidade. O novo livro desse scintillante escriptor tem o titulo — "Articulações de um governo delegado" — e é um elegante trabalho da Editora Marisa.

O estylo é vigoroso e escorreita a linguagem. Obra erudita, realizada com serenidade.

HORRORES E MYSTERIOS DOS SERTÕES DESCONHECIDOS

ESTE é um novo livro de João de Minas, a que já tivemos occasião de referir-nos, quando publicámos, aqui, uma das magnificas reportagens desse volume, então inédita.

São factos narrados pelo autor e por elle vividos em uma sensacional viagem de exploração aos mais profundos sertões de Matto Grosso. O estylo de João de Minas já é conhecido no Brasil como um dos mais saborosos e originaes. Tem graça, vigor, imprevisto. O enredo do livro, por sua vez, é tudo quanto ha de mais apaixonante e saturado de interesse. Desse conjunto de qualidades, é natural que sáia uma obra profundamente interessante. A edição é da Livraria Record, de São Paulo.

Que é o homem?

Uma senhora, que foge da publicidade como o Diabo da cruz, mandou-me estas definições sobre cuja exactidão me excuso de opinar por pertencer felizmente ao sexo opposto ao da escriptora. O facto de virem escriptas á maneira synthetico-philosophica que tenho cultivado vae para 10 annos, poderia gerar confusões, aqui desfeitas — para socego da minha consciencia e honra dos que vestem calças.

B. N.

O homem é...

O rei da Creação... de gallinhas.

* * *

Um animal que se esquece de que é animal porque usa casaca e bebe **Champagne**...

* * *

Um macaco que não olha para o seu rabo...

* * *

O unico erro do Creador, desde o principio do mundo até hoje...

* * *

A justificação viva da attitude de Eva com a serpente...

* * *

A unica nota dissonante da immensa symphonia do Universo...

* * *

Uma especie de animal que não sabe amar sem ter um taximetro ligado ao coração...

* * *

O Pão de Assucar da presumpção e a Urca da vulgaridade...

* * *

Um grão de areia que sonhou que era um planeta...

* * *

O Nada vestido de alguma cousa...

* * *

Um par de calças, um chapéo de palha e um charuto acceso...

* * *

A demonstração inversa do que seria um animal perfeito...

* * *

O ante-projecto de um ser intelligente...

* * *

Um excellente motivo para fazer tolices...

O "borrão" de um livro que o autor não teve tempo de passar a limpo...

* * *

A esperança das mulheres tolas e a tolice das mulheres espertas...

* * *

Um **ser** que, ás vezes, **não é**...

* * *

Um estafermo que se atravessa, sempre, entre a mulher e os seus ideaes...

* * *

Um excellente animal... de carga.

* * *

Um **bem** que se torna optimo... quando o perdemos.

Uma prova de que até os deuses cochilam...

* * *

Um embaraço para a livre marcha das saias...

* * *

Um animal que fuma para ter alguma cousa na bocca...

* * *

Um atomo que, ás vezes, se faz eleger deputado...

* * *

O começo de um aborrecimento e o fim de uma illusão...

* * *

O autor de uma obra prima de velhacaria: a Civilisação!

* * *

O descendente de um cavalheiro que até no Paraiso era tolo!

* * *

Um mau negocio para uma boa mulher...

* * *

Um animal mettido a sêbo...

* * *

O terror das lagartixas e o deus das poças d'agua...

* * *

Um ponto de interrogação em férias...

Pela copia.

ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

BERILO NEVES

UM IDYLLIO AO LUAR

JOÃO — Que noite magnifica!

ADELAIDE Magnifica demais.

JOÃO — Demais?

ADELAIDE — Sim. Em noites como esta é que se sente mais a amargura de ser infeliz.

JOÃO — E em que consiste, para você, a felicidade? Porque eu creio que você não póde queixar-se... Tem belleza, saude, fortuna, talento...

ADELAIDE — De facto, possuo tudo isso, que é para os outros... Eu quizera ter algo para mim mesma, inteira, completamente meu...

JOÃO (um tanto chocarreiro) — Por que não compra um *King Charles?* E' divertido e está na moda.

ADELAIDE — E você julga que um cachorro me faria feliz?

JOÃO — Pelo menos teria a primeira qualidade que você impõe: a de ser completamente seu.

ADELAIDE — Como se engana!

JOÃO — E' que si me fizesse *sentimental*, estaria perdido...

ADELAIDE — Perdido?

JOÃO — Acabaria escrevendo versos á Lua e — o que seria peor — enamorando-me de você.

ADELAIDE — E você chama a isso *perder-se?*

JOÃO — Então! E em maus caminhos... Nada ha mais perigoso do que, numa noite assim, estar ao lado de uma joven formosa que se confessa desventurada.

ADELAIDE — Não sei onde você vê o perigo... Acaso deverei lançar-me em seus braços, pedindo-lhe que me ame?

JOÃO — Mas o perigo não é esse. O perigo está... em largal-a!

ADELAIDE — Nesse caso, eu devia ter medo... Mas estou bem calma. Veja!

JOÃO — E' porque não mede as consequencias. Eu já estou vendo o padre, o pretor, as testemunhas, o altar illuminado...

ADELAIDE — Você tem uma vista excellente, mas possue outra coisa melhor.

JOÃO — Qual é?

ADELAIDE — A imaginação... Que estupendo novellista perdeu o Mundo!...

JOÃO — Acha? Oh! então, poderemos escrever juntos alguma coisa. Eu darei a letra e você... a musica.

ADELAIDE — Que musica?

JOÃO — A de seus risos, a de seus beijos... Mas que digo eu?! Está vendo? Ahi está porque reluctei em descer ao jardim... com você ao lado! Agora é tarde. Que fazer?

ADELAIDE (com fingida ingenuidade) — Mas que disse você de... inconveniente?

JOÃO — Inconvenientissimo!

ADELAIDE — Em duplo sentido?

JOÃO — Em quadruplo.

ADELAIDE — Pois eu não dei pela coisa.

JOÃO — Deveras? Ah! que bom! Não imagina que peso me tira das costas.

ADELAIDE — Parece-me que você falou em... beijos.

JOÃO (comsigo) — Bonito!... E agora? (Alto) Falei, sim... quero dizer...

ADELAIDE — Beijos!... O beijo da lua sobre a folhagem, sobre a agua, que parece de prata, sobre a terra toda, que parece commover-se e despertar de seu sonho...

JOÃO — Sobre a bocca, que está proferindo tantas coisas bonitas...

ADELAIDE — João!...

JOÃO — Adelaide!... Amanhã mesmo, irei falar com o seu pae... O peor está feito. Esperemos o melhor.

FANFRELUCHE

VELHA CASA

Velha casa, você, com a minha volta, vive
Num bulicio sem fim, num corre-corre, inquieta,
Minada de emoção...
Até parece que você, dentre as casas que tive,
Foi aquella que achou na minha alma de poeta,
Coração... coração... só coração!

Eu comparo você á minha mãe, se um dia
Eu voltasse por lá...
Sem saber que fazer para dar-me alegria,
Para tirar-me do semblante
A nódoa de tristeza, impressionante,
Que este mundo me deu e inda me dá,
Ella, a bôa velhinha, olhos meditativos,
Viveria a pensar
Qual seria entre todos os motivos
O motivo melhor para me contentar...

Não me olhe assim, comovedoramente,
Como quando nós éramos creanças.
Eu bem mereço uma condemnação...
Eu que esqueci você por outra, tão sómente
Porque, florida de esperanças,
Me promettera a outra uma illusão...

Você está tão velhinha... tão arcada...
As paredes tão sujas... as janellas
Tão carcomidas pelo tempo... E tão sem nada,
E tão sem luz, e tão sem pão, e só...
Você, oh! minha casa destelhada,
Você que viu riquissimas baixelas,
Você está bem mais pobre do que Jó...

Mas, minha casa, a nós, inda nos resta
Esta consolação: você me quer,
Você me faz carinho e me faz festa
Mais do que uma mulher!

Você ainda é bem maior em tudo;
Mulher alguma olharia assim,
E me abriria o seio de velludo
Para a minha tristeza e para mim...

Você, quatro paredes que ainda tenho,
Você, toda em ruinas, mesmo assim,
Abre-se em flores lindas quando venho
Para esquecer, para chorar, emfim...

Minha casa, você é pó por todo canto...
Pó que o tempo juntou como eu junto a illusão...
Mas, eu quero esse pó; nessa poeira eu vejo
A poesia toda e todo o encanto
De uma existencia de emoção!

Velha casa, jámais me atreveria a tanto:
Profanar com o meu beijo
Esse bemdito pó que lhe avelluda o chão...

JUDAS ISGOROGOTA

Differenças de usos e costumes entre o Japão e o Occidente

por Henrique Paulo Bahiana

No Occidente lemos da esquerda para a direita, em columnas horizontaes. No Japão lê-se da direita para a esquerda, em columnas verticaes. Além disso, lê-se um livro japonez no sentido opposto a que estamos acostumados. Lá, com effeito, começa-se a leitura pela parte que convencionamos chamar "fim" e a palavra "fim" esta onde collocamos o titulo da obra.

Nas lojas japonezas, ao pagarmos com uma nota de 10 yens um objecto valendo 1 yen e 65, o troco nos será dado na seguinte ordem: primeiro, 8 yens; depois 20 sens e finalmente 5 sens. No Occidente a ordem do troco é inversa.

Em muitos paizes do Occidente o banho constitue um verdadeiro luxo. O japonez, pelo contrario, banha-se varias vezes por dia. Dahi ser considerado o homem mais limpo do mundo. E como transpira pouco, não é para extranhar que "a raça japoneza cheire a jasmim".

No Occidente a distincção entre solteiras, noivas e esposas faz-se pelo annel symbolico. No Japão faz-se pelo penteado, cada qual mais complicado. As solteiras usam o *osage*, o *momoware* e *oshimada;* as noivas, o *takashimada;* as casadas, o *marumage*.

Para abrir ou fechar uma fechadura vira-se a chave no sentido inverso daquelle em que viramos as nossas chaves.

A costureira japoneza enfia a agulha na linha e não a linha na agulha, como faz a costureira do Occidente.

A gorgeta que os hospedes deixam nos hoteis japonezes não é para os empregados e sim para o proprietario.

Não é o conjuge offendido que requer o divorcio, mas sim o que offendeu.

As crianças não são levadas nos braços, mas nas costas.

Os melhores quartos da casa ficam sempre nos fundos e não na frente.

Entrando-se numa casa qualquer, deve-se tirar o calçado e não o chapéo.

A mulher é que se levanta para ceder o lugar ao homem e não o homem para ceder o seu á mulher.

Ao sahir do banho o japonez enxuga-se com uma toalha molhada.

O branco é a côr do luto.

Começa-se a refeição pela sobremesa.

As visitas de cerimonia são feitas ás 7 horas da manhã.

Não ha no Japão abraços nem aperto de mãos e sim reverencias reciprocas, tanto mais numerosas e profundas quanto maior o respeito que se quer testemunhar.

Os japonezes escrevem o endereço num enveloppe, de um modo opposto ao nosso: primeiro o nome do paiz, depois os do estado, da cidade, do bairro, da rua, o numero da casa e finalmente o nome do destinatario.

Os jardins japonezes não teem flôres e sim arvores e pedras.

Nas refeições os homens são servidos em primeiro logar.

O peixe e a carne temperam-se com assucar e as frutas com sal.

Quando não chove os japonezes seguram o guarda-chuva pela ponteira e não pelo cabo.

A mulher japoneza é incapaz de contrariar o marido. Obedece-lhe cégamente. Chega a ser irritante. A tal ponto que o marido se vê obrigado a lhe dizer ás vezes: "Pelo amor de Deus, diga-me não, de vez em quando!"

Na rua o marido nunca dá o braço á esposa, que caminha humildemente, uns dez passos atraz delle.

Quando o casal vae fazer compras é ella que carrega os embrulhos. Elle se limita a pagar a conta.

O marido jámais ajudaria a esposa a subir uma escada ou a descer de um bonde ou de um trem.

Ninguem beija no Japão. Os paes não beijam os filhos. Os irmãos e as irmãs não se beijam. Os maridos não beijam as esposas. Os parentes não se beijam. Na lingua japoneza não existia a palavra "beijo" que hoje se exprime pelo vocabulo *kissu* — ou seja o *kiss* inglez japonizado.

O Japão não conhece o *flirt* nem o namoro e ha quem diga que elle não conhece o amor. O facto é que em regra os casamentos não passam de meros arranjos, de simples negociações feitas por intermedio do *nakodo* e que os noivos se casam sem se conhecerem.

Apezar do amor — como nós o entendemos — não figurar em geral no casamento japonez — não ha quasi casaes infelizes e muito pelo contrario a familia japoneza constitue um bloco homogeneo e indissoluvel.

O japonez sorri em todas as circumstancia da vida. E é de praxe participar sorrindo qualquer acontecimento penoso ou triste, por exemplo, a morte de um ente querido.

No Japão as casas não têm fechaduras nem chaves, porque os japonezes teem inteira confiança uns nos outros. Que differença com o nosso costume de trancar o quarto, os moveis e tudo o que nos pertence, desconfiando de todos os que nos cercam!

Os occidentaes, emfim, se caracterisam por um exaggerado individualismo, emquanto que os japonezes são de excessiva impersonalidade. No Occidente a unidade é o individuo. No Japão é a familia.

RECIFE DE HONTEM
o primeiro automovel

Mario Sette

O primeiro automovel que se apresentou pelas ruas do Recife, faz uns bons 30 annos, foi o do dr. Octavio de Freitas, scientista notavel e querido de minha terra natal. E tambem homem de letras apreciado, além de meu velho amigo.

O carro era da marca Renault, em fórma de "victoria", para duas pessoas, com alavancas de marcha exteriores, e com um longo canudo de borracha que ia se communicar com a gaita de alarma.

Esses detalhes são de um informante, pois com franqueza não me recordava delles todos, não.

Minha attenção naquella epoca ia para outros pormenores...

Lembro-me porém perfeitamente de que o auto fazia um barulho damnado.

Dir-se-ia que tinha o motor na bocca...

E certamente visto de novo hoje pareceria tão exotico e ridiculo quanto na estreia nos deu impressão de elegante e bonito.

Mal elle apontava numa esquina, com rumor caracteristico de quem vinha triturando as pedras do antigo calçamento do Recife, ninguem ficava dentro de casa. Ninguem. Até os dentes davam sua espiadela.

Varandas, postigos, calçadas, telhados, terraços, tudo cheio. Nas lojas os freguezes largavam as compras em meio e os caixeiros vinham á porta com o metro na mão e a fazenda na outra. Quem experimentasse um sapato, apparecia com um pé calçado e outro não. E quem estivesse tomando banho, não sei mesmo como viria.

— Lá vem o automovel, minha gente!

— Eh! Bicho damnado para correr!

O carro não corria grande cousa; mas naquelle tempo as medidas de comparação para a velocidade eram o bonde de burro, a maxambomba e a carroça de boi.

E o auto soprando, bufando, chocalhando passava com todo o seu alarma de acontecimento inédito, raro, estupendo.

E á noite nas calçadas das ruas Velha, Santa Cruz, Hospicio, Cotovello e outras, salas de visita das familias bonachonas e caseiras de outrora, reuniam-se os visinhos para commentar:

— Qual! Isso de automovel não péga, não. Fogo de palha...

— Com esse barulho todo quem deixa de andar num carro bonito com dois cavallos gordos, para se metter naquillo? Não eu.

— Nem o filho de meu pae.

— Você vae ver. Fica neste.

— Logo aqui em Pernambuco!

Mas, si por acaso o automovel se annunciava todos corriam para vel-o de novo e com um olhar comprido de inveja e de desejos.

O primeiro automovel que rodou no Recife ganhou fama.

Falou-se nelle até no sertão.

E não era raro, nesse tempo, ouvir-se uma mãe brigar com o filho chorão, berrador, malcreado, nestes termos:

— Menino, cale essa bôcca! Você não é o automovel do dr. Octavio, não! Ouviu?

Horripilante assassinato a metralhadora, em São Paulo

(Conclusão)

nho a mania de cheirar as frutas. Peguei a laranja, e o seu peso de chumbo alertou-me a desconfiança. A fruta era uma machina infernal, regulada por um relogio. Passei a examinar alguns radios pelo chão. Apalpando um deles, a tampa se abriu. Dentro, na engrenagem, havia outra laranja. Aquillo era para matar algum novo estadista, no seu quarto de dormir, ouvindo pacatamente o seu radio... Encostado á parede, no fundo do quarto, estava um bandoneon, a que eu não ligara antes a minima importancia. Fui apalpal-o, e achei a metralhadora, disfarçada maravilhosamente no instrumento, obra de algum engenheiro notavel. O individuo que tocasse aquelle apparelho podia, ezecutando uma musica, ao mesmo tempo fazer funcionar a metralhadora, sendo o cano por traz do braço do instrumento. Havendo a possibilidade de adaptar um dispositivo silenciador áquela arma, um virtuose poderia, fazendo melodia para um estadista moderno numa festa, assassinal-o ao mesmo tempo, sem que ninguem suspeitasse que o tiro tivesse saido do braço do bandoneon.

Deixei tudo ali como estava. Retirei-me, assombrado do que vira. Sahi logo de automovel procurando os dois celerados, e nessa mesma noite os prendi no bar Ucksy. O material de banditismo foi transportado incontinenti para a policia. Eles tiveram de confessar tudo".

Na policia, Pepe Alvarez prestou o seguinte depoimento:

"...disse que é argentino, de Tucuman, solteiro, com quarenta e um anos de edade, mecanico eletricista, e irmão do outro acusado, Herrera Alvarez; e que se dão os nomes, em São Paulo, de Francisco e Poncio de Andrade, riograndenses... Que já residiram ha dez anos no Rio Grande do Sul, vindo para S. Paulo e Rio. Que ali, sem trabalho em 1927, degolaram, para roubar uma mulher, de nome Maria Asturias. Fugiram para a America do Norte, onde em Chicago trabalharam como mecanicos um ano. Faltando-lhes trabalho, famintos, passaram a assaltar transeuntes. Foram presos em flagrante, mas que o juiz Bell, do processo, disse que os absolveria si eles se alistassem no bando de Al Capone, para contrabando de alcool. Que prosperaram, tendo aprendido a matar a metralhadora, tomando parte em varios assaltos. Que conheceram então o compatricio Salandra Torno, tornando-se intimos. Que Salandra era intimo de Al Capone, e engenheiro notavel, especializado em apparelhos mortiferos. Mas Salandra tinha o defeito de seduzir mulheres, para exploral-as, fazendo isso com uma favorita de Al Capone. Que, por essa razão, para não morrer, Salandra teve de deixar a America do Norte, convidando o depoente e seu irmão para seguil-o até Buenos Aires, onde organizariam uma quadrilha. Que assim se fez, e que em Maio de 1931, tendo Salandra inventado a laranja infernal, com essa machina terrorista assaltaram um club de jogo em Mar Del Plata, roubando 83.000 pesos. Que, por essa ocasião, o depoente se apaixonou por Claudia Rivéra, linda operaria de uma fabrica, com quem queria se casar. Que Salandra, o chefe da quadrilha, sem nenhum respeito pelo depoente, seduziu essa moça, lançando-a na perdição. Que, em Dezembro desse ano, os tres associados tiveram de fugir de Buenos Aires, pois até ali os acompanhara o odio de Al Capone. Que foram para diversos lugares, até que resolveram passar a operar em São Paulo, centro riquissimo e virgem ainda do banditismo inteligente e moderno. O chefe da quadrilha tinha então acabado de fabricar o bandoneon-metralhadora, a que mais tarde se adaptaria um silenciador, podendo-se então metralhar sem interromper a orchestra... Que, em Janeiro do ano p. p., os dois irmãos e o chefe chegaram a esta cidade, e mais Claudia Rivéra e duas francezas, todas grandes admiradoras de Salandra. Que tudo fôra organizado para o serviço terrorista não se conseguindo agir mais depressa devido á vadiagem do chefe, muito preocupado com o belo sexo. Que Salandra logo fez Claudia Rivéra com o nome de Juana Balesteros, ir morar com o capitalista Cecilio Azamor em Higienopolis, dele recebendo ela grandes quantias, a titulo de auxiliar a familia em Buenos Aires, e que entregava a Salandra, que tomara o nome de Alberto Neville. Que o depoente e seu irmão pretendiam ultimamente se separar do chefe, para ir civilizar Goyaz e Matto Grosso, fundando por lá uma nova quadrilha. Que o depoente ainda ama Claudia Rivéra, ou agora Mme. Balesteros, e que ele e seu irmão tiveram com ela uma discussão na rua, porque ela não queria abandonar Neville, e dizendo ela então que ia contar a elle tudo. Que eles temiam Neville (ou Salandra), devido a sua ferocidade, acostumado aos processos de Al Capone, que não perdôa os traidores. Que então o depoente e seu irmão resolveram matar Neville, com

Jaburú, a maior ave do Brasil (exemplar vivo apanhado nos arredores de Goyaz)

a propria metralhadora fabricada por ele. Que, com esse proposito, combinaram com Neville apressar as operações. Sahiriam os dois irmãos á rua, e matariam um transeunte qualquer. Dias depois seria jogada uma laranja infernal dentro do Banco Francez e Italiano, na rua 15 de Novembro, de dentro do automovel. A policia nada descobriria, e a quadrilha mandaria pedir por carta grandes quantias aos capitalistas, começando pelo conde Mattarazzo. E todos pagariam sem tugir nem mugir, desanimados com o insucesso da policia especialisada em descobrir os crimes anteriores. Que, naquele dia, tudo combinado com Neville, os dois irmãos sairam para metralhar qualquer pessoa na rua. E disfarçaram, começaram a seguir o proprio Neville, e o metralharam á porta do bar Ucksy, quando o chefe ia se encontrar com Mme. Balesteros, que por sua vez ia contar ao amante a traição do depoente e seu irmão. Não pódem explicar como tudo se descobriu, pois eles têm a honra de informar que são bandidos de classe, tendo agido impunemente nos maiores centros do mundo. Que o depoente está certo de que a policia especialisada de São Paulo é incomparavel, a primeira do mundo..."

Agora, perguntará o leitor:

— Mas como se explica que duas das balas assassinas estavam no bolso do colete do assassinado, e porque esses bolsos tinham limalha de iman?

O que se déra foi o seguinte: Neville, dias antes, estivera submetendo ao fogo aquelas balas, na oficina da rua do Gazometro, para verificar-lhes a resistencia, pois ele era fabricante de apparelhos mortiferos. O bandido, por qualquer motivo, submetera essas balas ao pó de iman. Enfiara-as nos bolsos do colete, e portanto já trazia as balas consigo quando foi assassinado. Isso era muito natural, pois ele era uma engenheiro e mecanico de grande talento.

JOÃO DE MINAS

LONDON FILMS apresenta

HOJE NO

O Mundo em Revista

SOLDADOS SPORTIVOS — Uma turma de caçadores alpinos do exercito francez á espera do signal de partida para as grandes corridas que se realizaram na Saboia. A' frente desses bravos, o seu commandante.

O "CHRISTO" DE OBERAMMERGAU — Charles Schnabel que, este anno, figurou como Jesus nas ceremonias da Semana Santa em Oberammergau (Allemanha), é o primeiro americano que teve essa honra. Schnabel deixou crescer o cabello durante tres annos, para poder incarnar Aquelle que morreu para salvar a Humanidade.

INCUMBENCIA HONROSA — Cel. Charles Lindbergh, o famoso pioneiro do ar, os Srs. Orville Wright, inventor do aeroplano, e Clarence Chamberlain, que acabam de ser convidados, pelo governo americano, para dirigir os trabalhos do Comité Especial de Aeronautica, que é presidido pelo major — general Hugh Drum.

OS MONUMENTOS DE LONDRES — A estatua de lord Curzon, que se ergue no terraço da Carlton House. Quando inaugurada, em 1931, fez o panegyrico do estadista fallecido o então primeiro ministro Stanley Baldwin, aquelle que, como o declarou lord Curzon, "lhe causara em vida o maior dos dissabores".

DEDICAÇÃO AO TRABALHO — Além da Sra. Nellie Taylor, de que demos o retrato, outro dia, a Casa da Moeda dos Estados Unidos conta com os serviços da Sra. Mary O'Reilly (é a que vêem acima). Esta tem sob suas ordens 800 empregados, que tudo fazem por agradar-lhe: trabalham. Mrs. O'Reilly, que ingressou na Casa da Moeda, ha trinta annos, tem ali occupado cargos importantes, sendo que um delles, o de assistente do Director, foi especialmente creado para ella.

A CASA DA MOEDA NO TEMPO DO ONÇA...

O COOPERATIVISMO PREDIAL NO RIO

No fim do mez passado, inaugurou-se, nesta capital, mais uma empresa de cooperativismo predial — a "Cruzeiro Predial Ltda." A' sua frente se acham os seguintes valores: Affonso Lassance e Luiz Pieren, directores, e Drs. Emilio de Barros de Lacerda e Fernando Lassance, respectivamente inspector geral e superintendente. A inauguração da "Cruzeiro Predial" teve a presença de um representante do Ministro do Trabalho, jornalistas, homens do commercio aos quaes foi servida uma taça de Champagne.

NO tempo do Brasil — colonia, quando aqui mandavam uns certos governadores por ordem de El-Rei de Portugal, em Minas Geraes, onde primeiro surgiu o sonho da Independencia já havia Casas de Moeda...

Certamente que não eram como as actuaes — modernissimas no fabrico. Em compensação, p o r é m, cunharam moedas de ouro reluzente, metal que naquelle tempo abundava por estes lados.

No Archivo Publico Mineiro, em Bello Horizonte, lá está, entre outras preciosidades, a prensa historica que cunhou as moedas do tempo.

Já era, como se vê, obra prima no genero. Cunharia tres moedas por dia?

Senhora

SENHORITA...

Vai depressa chegar o dia em que inauguraremos — com que prazer — o novo "renard": o "bleu", novidade maxima, ou o elegante "argenté". Emquanto, porém, o sol não nos deixa sem calor, os vestidos ainda serão claros, alegres, viçosos como a tão decantada natureza da terra de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Assim, não nos furtaremos a mandar fazer um costume de crêpe "imprimé" em fundo branco, avivado pelo cinto, pela gravata e pela boina, tudo isso no colorido mais forte da estamparia.

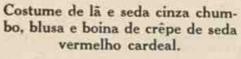
E não nos furtaremos ao uso ainda de blusa de côres com saia de tonalidade unida: blusa de tonalidade unida com saia de xadrezinho ou unida tambem.

Os ombros, como tive já oportunidade de escrever, começam a voltar ao estado normal. Em muitas brasileiras, porém, é comum notar-se os quadris mais desenvolvidos que a largura das espaduas. Neste caso é sempre aconselhavel reunir a ultima palavra da moda á estetica da silhueta: deixar a linha das mangas sem aparencia do preparo, que, por dentro, lhes dará o que na realidade falta, a exemplo dos paletots dos homens...

Assim tambem não nos queixaremos de que a moda nos desadornou tanto as blusas, ao que estavamos afeiçoadas, e que, na realidade, nos tornava especialmente graciosas.

Sorcière.

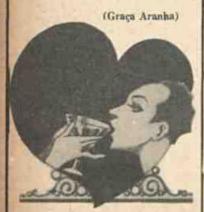
A blusa de agora.

Costume de lã e seda cinza chumbo, blusa e boina de crêpe de seda vermelho cardeal.

Costume de crêpe estampado; vestido de seda abobora, gola branca estriada de preto.

Vestido para de tarde: crêpe de seda havana escuro, estamparia em aneis; "colerette", punhos e chapeu de seda branca, plissada.

DE TUDO UM POUCO

AMOR

(Graça Aranha)

Não é uma vontade que determina a acção do amor. E' o proprio inconsciente do amor que o leva ao inconsciente universal. O amor crea esse sublime estado de fusão com o Universo, mas não é solicitado pela fatalidade a essa inconsciencia absoluta da Unidade primitiva. Este é o mysterio dos mysterios. Stendhal imagina para explical-o a theoria da crystallisação, que nos deixa a meio caminho da revelação do divino enigma. Por elle es comprehende o nascimento do amor, mas a passagem das sensações e dos pensamentos do estado sub-consciente ao campo da consciencia não é necessaria para o amor, que é antes uma manifestação psychica sub-consciente. Além disso, a hypothese stendhaliana se limita a assignalar uma situação sem explicar a causa. Por essas hypotheses physicas de magnetismo, de polarisação, ficamos reduzidos ao relativo de uma explicação positiva, a comprovar a existencia do phenomeno sem ir além, sem lhe dar a razão, que só uma interpretação philosophica póde abordar.

Platão percebeu que ha uma unidade primitiva dos seres. Ora, se fosse mais ousado, perceberia que ha uma unidade essencial e inicial do Universo, e que os seres deviam existir eternamente na indistincção absoluta. Mas, separados do Todo universal, a vida interior dos seres humanos, fundamentalmente levados a se confundir com o Universo, é a continua e irreprimivel aspiração á Unidade primitiva. Cessado o instante doloroso da consciencia, o homem se abysma mysticamente na inconsciencia absoluta. O amor, unindo-nos a outro ser, dá-nos a illusão da universalidade que elimina as separações, que nos arrebata para além da relatividade consciente das cousas para nos confundir infinitamente com o Todo universal. Esta é a mystica do amor e a sua metaphysica. Abysmando-nos no divino esquecimento, fusionando os seres no Universo, transportando os corpos ao extase supremo, arrebatando as duas vontades unidas para o Irreal, o amor é a sublime transfiguração, a eternidade instantanea, que é dada aos pobres humanos mergulhados na infinita miseria da vida contingente. Por elle somos um com a Natureza, um com Deus, um com o Universo, e, o que é mais ineffavel, um com o ser amado. E' o milagre supremo da unidade que, partindo da attracção dos copos, attinge á fusão no Todo infinito.

OUTRA CLASSE DESUNIDA

Os feministas (de ambos os sexos, si tal distinção ainda é cabivel) estão concorrendo com os bolinas: acabam de mostrar que tambem formam uma classe desunida.

E' o que provam os aplausos á idéa da exceção aberta em favor da mulher, no projeto de constituição, quanto ao serviço militar obrigatorio.

Enquanto uma senhorita mineira se auto-coronela, na arrancada da revolução, vem até cá, desfila o seu regimento na Avenida, todo de saiotes, bem carminado, bem batonado, bem empoado, bem ondulado, e acaba pedindo que se lhe confirme nos quadros do exercito o posto que ela conquistara em paradas revolucionarias; enquanto outra requer a sua inclusão nas fileiras como praça de pré, e discute êsse direito que lhe negam; enquanto muitas outras fazem fôrça por entrar em concurso para cargos na Secretaria da Guerra, onde os funcionarios têm patentes honorarias; alguns feministas batem palmas á medida que exclue do serviço militar a mulher.

Mas essa gente não vê que isso é um golpe tão fundo e tão traiçoeiro, que, cortando sem dor, até parece de ardiloso adversario?

Só para o serviço militar é que a mulher não se iguala ao homem em tudo, por tudo e para tudo.

A tal cantiga responde outra: não é propriamente ou somente nisso que ha diferença.

E aí está a desunião na classe.

Quando o Banco do Brasil, como já o fizera o Ministro da Agricultura, exclue do seu edital de concurso as mulheres porque precisa de funcionarios de grande atividade, de grande agilidade, de grande capacidade de locomoção, gente que possa chegar hoje a uma agencia e amanhã já estar em outra, sem a necessidade imperiosa, irremovivel de encontrar entre elas a manicure — logo com duas ou tres exceções se demonstra que a mulher é tão ativa, tão agil, tão pronta como o homem.

Em se tratando, porém, do serviço militar, a carabina e a mochila são-lhe muito pesadas.

Mais leve lhe seria o fardo si fôsse só da farda... e do soldo.

Pois ha meio da mulher ter farda e soldo, sem carabina nem mochila, e sem confessar a sua incapacidade fisica para certos serviços.

No exercito ha logares em que ela póde, por sorteio, fardada e assoldada, prestar servico militar.

Chamada a este, venha como costureira de fardamentos, dispenseira, enfermeira mas não fuja de um onus, quando não quer abrir não de nenhum dos lucros.

Si a mulher se diz apta para fazer tudo que o homem faz, menos o serviço militar, confessa, então, que lhe é inferior, ao menos nessa restrição.

E' preciso, pois, evitar esta consequencia, custe o que custar, para que acabe perdendo muito do que pensa ganhar.

A. de M.

LENDA DO SOL

Quando Deus fez a Terra achôu-a triste, pardacenta, e disse de si para si: "Nada belo e bom viverá neste globo se não lhe dou mais alguma cousa. — Poz a Terra de lado e ficou a cismar — O que falta á forma da Terra é algo de alegre. Como, porém, conseguil-o?

Uma idéa desperta outra.

E o Bom Deus principiou a confeccionar o Sol com mil cuidados, polindo cada raio com apuro.

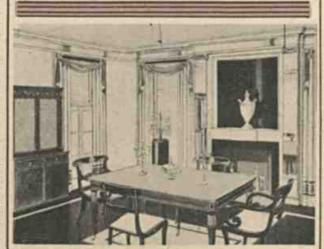
Arrumou-o perto da Terra, e de tal maneira que o Sol rolou. A Terra, atraida pela beleza do astro luminoso, correu atraz dele.

O milagre, então, se deu: a Terra, antes escura e triste, ficou radiante de luz, cheirosa de flores e de arvores. Deus, muito contente pronunciou: que a vossa alegria provenha sempre de um para o outro.

Jámais Sol e Terra se separaram.

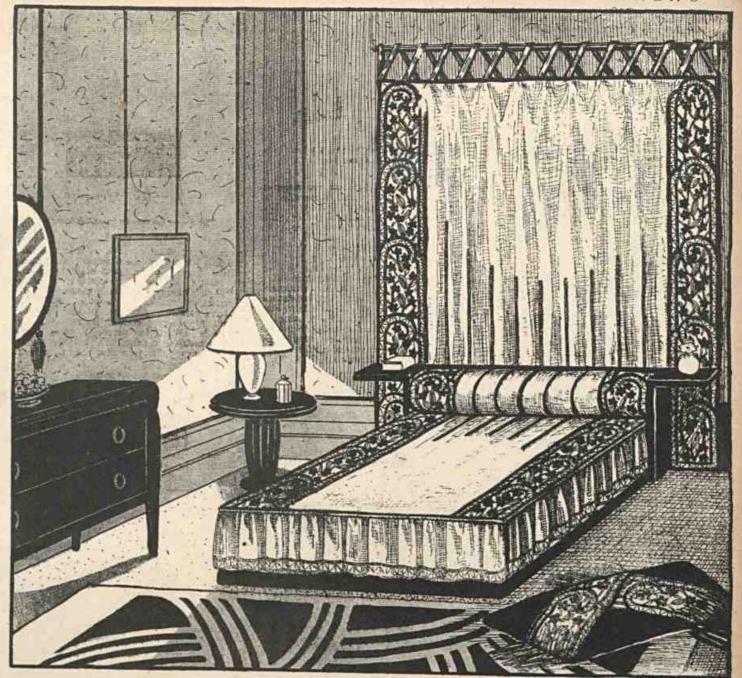
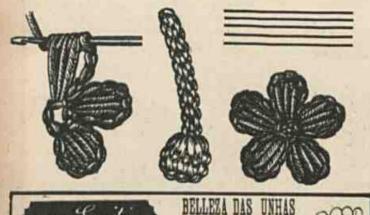
Eis a lenda do Sol que os japonezes contam.

Um prato de parede no estilo — Renascença.

Uma obra de arte, em materia de prato de louça, da velha Roma.

Mobiliario muito ao sabor da gente de hoje — sala de refeições "modern regency".

A ANDORINHA PERDIDA

(Hermes Fontes)

Eu tenho inveja da felicidade!
Não da que os outros têm, que é delles não é minha,
mas da que eu ia ter, — ia ter noutra idade,
quando o meu coração era aquella andorinha
simples, no seu beiral; livre, na immensidade...
Pois a felicidade ia ser minha:
acalento de amor, no berço; louvaminha
primeiro gorgeio — ave que desaninha
antes da primavera, e acha saudade
antes do idyllio! Trefega andorinha,
por quem minha infantil precocidade
criou azas de orgulho e de vaidade,
desdenhou o beiral, mediu a immensidade
e lá deixou a aldeia ribeirinha
pela visão do mar, junto á grande cidade...
Oh! a felicidade já foi minha
e eu tenho inveja da felicidade...
Ella se foi, com o tempo, que definha,
a esperança da minha mocidade.
Andorinha, andorinha,
perdeste o teu beiral, perdi a immensidade...
E o inverno se avizinha!
Eu tenho inveja da felicidade...

A decoração da casa

Um galão de "crochet", botões e flôres de feitio simples, como as gravuras em separado atestam, formam bonita renda para a colcha e o fundo da cama que está ao centro de um quarto sobrio e elegante, tanto no que se refere aos moveis escuros — jacarandá ou preto —, como no papel de parede e adornos em geral.

A flôr se compõe de 5 malhas no ar, 1 serrada sobre a primeira no ar, fechar e repetir 5 vezes o que se segue: 3 m. no ar, 1 laçada, suspender 1 anel sobre a mesma malha, 1 laçada, mais um anel suspenso, 1 laçada, 1 m., 3 m. no ar, 1 m. serrada sobre as que se suspenderam. (fig. 6).

O botão: 4 m. no ar, 3 bridas sobre a 1ª. malha no ar, 3 m. no ar, 1 m. serrada sobre a mesma malha.

SERVIÇO DE MESA

OS americanos inauguraram colocar diante de cada conviva um retangulo de tecido, trabalhado com rendas, bordados, etc., em substituição á toalha inteira sobre a mesa.

Aqui figura um modelo dos tais panos, com renda de Milão incrustada em tule antigo e bainhas abertas feitas á mão. Ao centro da mesa o "chemin de table", sob cada prato o guardanapo retangular, e os guardanapos de uso pessoal obedecendo ao mesmo desenho do centro, beirados, no entanto, de renda estreita.

PARA DE MANHÃ

Na meia estação e na de inverno os pequenitos devem saír da cama cuidadosamente agasalhados.

Crêpe da China, setim, sedas de menor preço tambem se indicam para esse trabalho.

Assim, os modelos em questão são cortados em "toile de soie", opala para o fôrro, flanela entre os dois panos.

E' necessario traçar o desenho em papel forte transmitindo-o á seda por meio de papel comunicativo. Pôr a "toile de soie" sobre a flanela, depois coser como indica a figura 1 — á maquina ou á mão.

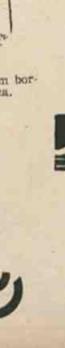
As roupas assim preparadas são mais bonitas em azul celeste, rosa alaranjado, malva, créme ou limão.

Fig. 1

Calcinha de Jersey marinho, corpete branco; costume de "reps" amarelo, blusa azulada; vestido de grosso linho branco "soutaché" de vermelho e marinho.

Traje de "baby" — flanela marfim bordada de linha de seda branca.

Saia de flanela branca, blusa vermelha — eis a roupa da pequena "tenista".

Vestidinho de seda lavavel com pregas e babado franzido.

Como vestem as "estrelas" do cinema

Um vestido de meia estação, todo preto, de setim, gola branca com bordados de metal prateado

Dois chapeus do ultimo «style», e o chale que as elegantes usarão, com um traje de rua, no frio

A sombria elegancia de MARY BOLAND, da Paramount

KATHE VON NAGY, da Ufa, apresenta bonito vestido para jantar: crêpe setim azul medio pastilhado de branco

MIRIAM HOPKNIS, da Paramount tambem, graciosamente trajada para dançar

CAROLE LOMBARD, da Paramount, vestida para jantar. O ouro dos cabêlos penteados a moderna dominando o azul celestial do traje elegante

"LINGERIE"

«Lingerie» para creança. Peças de cambraia de linho beige, com aplicações de cambraia de linho azul forte, bordadas a ponto de «haste» e ponto lançado, em diversos tons de azul.

VIDA AO AR LIVRE

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Já diversas vezes tratamos das grandes vantagens para a saúde e principalmente para a pelle, da vida ao ar livre. Principalmente nos climas quentes é de toda necessidade observar esse preceito de hygiene afim de que se possa augmentar o numero de annos de existencia ao lado de uma saúde deveras invejavel. Nos artigos já publicados anteriormente, vinham citados os motivos que justificavam os banhos moderados, de sol, nas praias.

A vida ao ar livre é synonymo de mocidade e necessaria á belleza da pelle.

Vida ao ar livre não quer dizer, entretanto, que se deva ficar, horas e horas, apanhando sol nas praias de banho.

Vida ao ar livre significa passeios diarios, pelos campos se possivel, quartos bem ventilados e com as janellas inteiramente abertas.

Dormir em aposentos fechados, sem a menor entrada de ar é o mesmo que um veneno que se esteja aspirando.

Vida ao ar livre significa, antes de tudo: respirar. No dia em que se aprender a respirar, a mortalidade diminuirá fatalmente e poucas serão as pessôas doentes ou que apresentem molestias da pelle. A respiração age sobre todos os orgãos do corpo, obrigando-os a que funccionem da melhor maneira possivel e, sendo assim, age como um poderoso desintoxicante physiologico, prolongando a mocidade e a existencia.

A bôa respiração augmenta a vitalidade geral e combate efficazmente a prisão de ventre, uma das mais terriveis molestias sociaes.

Respirar é a mesma coisa que ter saúde, o que, por sua vez, representa uma das principaes formas de belleza.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao DR. PIRES — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1934

N.° 45
12
ABRIL

PREMIOS: — 1.° — Bronze e Quadro de Honra; 2.° — Medalha de prata; 3.° — Diccionario do Charadista de A. M. Souza (1 volume); 4.° — Medalha de Bronze; 5.° — 1 assignatura semestral d'O MALHO; 6.° — 1 idem, idem, de CINEARTE; e 3 outros para categoria do *Melhor Trabalho* (enigma, charada e logogripho), sendo a escolha de cada um feita por uma commissão formada pelo novo Campeão e pelos detentores do 2.° e 3.° logares.

ALBUM DE OEDIPO

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

4.° TORNEIO COMMUM DE 1933 — N.° 29

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Lolina e R. Said (ambos da Bahia), Etiel, Euristo e Vasco Dias (Lisboa), Helio Florival, Noiva da Collina, Belkiss, V. Neno, Vivi, Taft, Eneb (todos 7 do Grupo dos XX, de Piracicaba), 25 pontos cada um.

OUTROS DECIFRADORES

Tiburcio Pina (Bahia), Mawercas e Lidaci (ambos desta Capital), 24 cada; Dama Verde (Bahia), K. Nivete e Alvasco (ambos de Recife), 23 cada; Americo, Castrinho, Canhoto, Ananias, Scylla (todos 5 da Gente Nova de Corumbá), Passaro Negro (Barbacena, Minas), 22 cada; Gandhi (Campos, E. do Rio), Candinho (Bananal), 21 cada; Capichola, Capichoto, Capuchinho (todos tres do Gremio Capichaba, do Espirito Santo), 20 cada; Edipo (Curityba, Paraná), 17; De Souza (Capital), 12; Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba), 9.

DECIFRAÇÕES

151 — Sacrosanto; 152 — Urdidura; 153 — Expertinado; 154 — Solhado; 155 — Passa-culpas; 156 — Parafusador; 157 — Lesim; 158 — Estarola; 159 — Paulo, Paula; 160 — Fino, fina; 161 — Constancio, Constancia; 162 — Pita, pito; 163 — Maltosta, malta; 164 — Pelago, pego; 165 — Parlenga, parga; 166 — Papalvo, pavo; 167 — Eu; 168 — Despique (desque, pi); 169 — Liberdade; 170 — Malsão; 171 — Medicastro; 172 — Delambido; 173 — Sobreceleste; 174 — Melancolia; 175 — A lima lima a lima.

NOTA — E' preciso que nos expliquem como arranjaram *Mudo* em 167, e *Descargo* em 168.

NOVISSIMAS 15 e 16

2—1—Tenhas *á mão* a "*medida*", por precaução.

Megaréo (Cidade do Salvador, Bahia)

2—1—Não ser "*parte proeminente*" não é "*cousa*", ou *motivo de desprezo.*

Flôr de Liz (C. do Salvador, Bahia)

ENIGMAS 17 a 20

Sei, você jurou ferir-me,
Ainda mesmo em um dedo,
Isto, depois de trahir-me
Com a cabrocha Azevedo...

Pensa, acaso, desse geito,
Pregar-me um susto, beldade?
Ou você guarda no peito
Mesmo o germen da maldade?

Si assim é, peço, desista
Dessa idéa terrorista,
Para que o caso, passado,

Não venha ser, algum dia,
Motivo até de ironia,
Lá na "*Praça*" do Mercado.

Velhuscn (Salvador, Bahia)

Tão bellas flores, querida,
Ostentas no teu regaço,
Que vou te dar num abraço
O meu amor, Margarida...
Mas, note bem, minha vida,
Que te dando o coração
De pouco mais — irmão —
Disponho, além do soffrer:
"*Marco*" fatal no viver,
Ponto final da illusão.

Clírio (Salvador, Bahia)

(*A Neptuno*)

Sob uma bomba, a Lila, distrahida,
Brincava com mais outras... De repente,
A pobrezinha cahe alli, ferida,
Victima de um gravissimo accidente...

Foi que no embolo da machina entrou
No meio um não sei que; mas, de tal sorte,
Que uma peça da bomba arrebentou
Mas quasi levando a infeliz á morte.

Por isso é que, des tão *maldito* dia,
Vê-se essa coitadinha condemnada
A se arrastar, assim, de via em via,
Nesse triste viver de mutilada.

Helientho (Salvador, Bahia)

(*Para Mr. Trinquesse*):

Vou erguer no começo
Do festim,
Com todos ff e rr
Um viva
Ao campeão Mr. Trinquesse.
E depois, no final,
Em pontas, pôr-li.
Este brinde é original.
"*Ave*"! Sejas feliz!

Agama (Salvador, Bahia)

CHARADAS 21 a 24

Quem *esconde*, quem consegue—2—
Esconder perante "*Deus*"—1—
— Fale, "*mancebo*", não negue
Falta alguma, os *crimes* seus?

Vigario de Wilkfield (Bahia)

O chá de *raiz da China*,—3—
Seja *onde* for preparado,—1—
Faz a quem, incauto, o empina
Ficar *meio embriagado.*

R. Said (Salvador, Bahia)

Certo individuo *atrevido*,—3—
Conhecido por valente,
Sente *dor* no coração,—1—
Quando lhe chamam *potente.*

Ave da Sorte (Bahia)

Envelhecer... Sentir que a alma definha
Numa visão tristonha de sol-por,
E ter, bem differente do que tinha,
A alma sem crença e o peito sem calor!

Sentir que a hora extrema se avisinha,
Com seu cortejo de mysterio e dor,
E nunca mais sentir, oh! vida minha,
O teu supremo encanto e o teu dulçôr!

Sentir, qual velha "*peça*" carcomida,—2
Pulsa, no peito exangue a alma ferida,
Que o *tempo* encheu de magua e de desgosto—2

Velhice! Por de sol! Sombra e tristura!...
Saudades!... solitude!... noite escura!...
Neves no coração, *rugas* no rosto!...

Neptuno (Bahia)

LOGOGRYPHOS 25 e 26

Oh, "*homem*" que é bem malvado! — 12—11—5—8
Pequena "*planta*" macia — 6—9—7—8—10
"*Corte*" no meio com cuidado. — 10—11—7—9—5

Depois, de cima da trempe
Tire da bolsa, inda cheia,
A pedra que "*dura sempre*",
Quando se guarda na areia.

Dama Verde (Salvador, Bahia)

— Em "*logar*" de dar brinquedo — 5—6—2—8—10
Aquella linda *creança*, — 6—1—2—4—3—9—10
Antes fosse certa "*peça*" — 6—1—7—5—6—2—8—9—4
De tecido, por lembrança.

Lolina (Salvador, Bahia)

PRAZOS

Terminarão: a 12, 17, 23, 25 e 29 de Maio proximo e a 3 de Junho seguinte, respectivamente, para cada um dos grupos regionaes, já estabelecido no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

CORRIGENDA

Do n. 44:

62, 176 e 166, e não 61, 175 e 165 (linhas 4, 8 e 9, successivamente, 3.ª columna), e setima e não ultima (linhas 15, 4.ª columna), tudo referente ao titulo — *Campeonato Brasileiro de 1934.*

6.ª SERIE DA TAÇA MARIA-FLÔR

Dentro de mais alguns dias iniciaremos a apuração final da 6.ª Série da Taça Maria-Flôr.

Acreditamos que esta competição que vem sendo disputada desde Julho de 1929, ha quasi 5 annos, portanto, tenha seu fim agora com a 6.ª série, pois, ao que parece, Etiel, de Lisboa, venceu a terceira prova consecutiva precisa para a posse definitiva de tão almejado trophéo, offerecido pela mimosa Maria-Flôr, paranymphadora elegante desse torneio, que conseguiu empolgar muita gente durante todo o periodo da sua calorosa disputa e que constituirá nos annaes da nossa historia charadistica uma bella pagina de honra como a relembrar, eternamente, o esforço herculeo de um pugillo de heróes, sempre promptos a tudo dar pela diffusão e

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1934
ABRIL, MAIO e JUNHO

progresso do nosso tempo; a inclinação, admiravel, pelos negocios de Edipo de uma creança, que tanto se diverte com graça e intelligencia, uma charada ao seu alcance, essa Maria-Flôr, cujo nome o mundo charadistico abençôa e que já está integrada no coração de todos, sem excepção de um só, que a adoram e lhe exaltam as qualidades peregrinas com que a Providencia a dotou; e a incansavel companhia deste nosso semanario no sentido de desenvolver, cada vez mais, o gosto pela arte de Edipo, proporcionando aos seus adeptos, toda vez que se apresenta uma occasião asada, torneios interessantes sob todos os pontos de vista, repassados de uma seriedade a toda prova, de uma imparcialidade cega e de uma serenidade desassombrada, mesmo a custa dos maiores sacrificios.

Um dos motivos por que não appareceu até hoje a apuração final da série, a que nos estamos referindo, reside no facto de ainda existir controversia a respeito de certos pontos, cujas annullações uma corrente propõe. Entretanto, dentro de pouco tempo, ficarão esses pontos resolvidos, e poderemos, então, proseguir no trabalho definitivo da apuração.

Além disso, a viagem que fizemos á Bahia, atrazou um pouco tal serviço, que, após o nosso regresso, foi atacado com vontade e está prestes a ser terminado. Logo que *L'Oscar*, do Reducto Paulista, responda á nossa carta ultima, em que lhe foram feitas umas tantas ponderações carecedoras de esclarecimentos, ultimaremos o processo.

Os concurrentes que tomarem parte no prélio, nada perderão por esperar mais um pouco. Entretanto, a todos pedimos immensas desculpas pela demora, motivada, na sua quasi totalidade, pela força das circumstancias.

CORRESPONDENCIA

Dr. Keno (São Paulo) — A resposta, com o que sahiu, no numero anterior, ficou satisfeita.

Julião Riminot (São Paulo) — Scientes (e já annotamos no livro respectivo) de que está, novamente, em Rio Claro. Agradecemos as saudações.

Mnemosyne (Avaré, São Paulo) — Pode concorrer ao 1.º Torneio Commum deste anno, mas é preciso observar os prazos, pois do n. 31 até 42 elles já terminaram, como terá occasião de verificar. Está inscripta sob n. 301. Falta só remetter o retrato, para ficar bem regulada a sua inscripção, e isso digne-se fazer com a maxima urgencia possivel. Muito agradecidos pela preferencia que deu ao nosso Album, que se sente honrado com a collaboração, que a senhorinha nos acaba de offerecer com tanta gentileza.

Tercio-Filho e Violeta (ambos do Recife) — Recebidos os trabalhos.

M A R E C H A L

PITTORESCO 27

(*Aos confrades d'O MALHO*)

Helientho (Salvador, Bahia)

DE SÃO PAULO

Grupo feito em Sorocaba, quando da solemnidade da entrega dos premios aos contemplados no primeiro concurso literario da U. A. I., que se realizou de Novembro de 1933 a Janeiro do corrente anno. Em pé, da esquerda para a direita — Manoel Cerqueira Leite, da séde de Itapetininga; Ary O. Seabra e Hylario Corrêa, da séde de Sorocaba; Sylvio de Almeida, da mesma séde, primeiro collocado no concurso; e Pedro José de Camargo, da séde de Itapetininga. Sentados, da esquerda para a direita — José Herculano Pires, da séde de Cerqueira Cesar; Elias Farah, da mesma séde, quarto collocado no concurso; F. Bunazar, presidente da U. A. I.; Alfredo Nagib e C. Bunazar, da séde de Sorocaba.

Alumnos da Academia Commercial de Belem (São Paulo) que tomaram parte na sessão solemne commemorativa do 4º centenario de Anchieta. Ao centro, o professor José Armenio, director da Academia.

Quadro dos "Solteiros" do Almoxarifado da Cia. Paulista que disputou uma partida amistosa com o quadro dos "Casados", da mesma Companhia, vencendo os "Solteiros" pelo "score" de 3 x 0.

SILVA ARAUJO & Cia Ltda
ESTABELECIMENTOS FUNDADOS EM 1871
ALGUNS PRODUTOS ALTAMENTE RECOMENDADOS
Bi-Urol:
Dissolvente do acido urico. Artritismo.
Creme de Magnesia:
Antiacido e laxativo.
Calfix:
Recalcificação intensa do organismo.
Guaraná Iodo-Kola
Estimulante do trabalho intelectual.
Ingesta (farinha):
Alimento completo da infancia, convalescentes e idosos.
Liodyl (Ampoulas):
Gripe e complicações pulmonares.
Cristais de Frutas:
Refrigerante, purgativo brando.
Synbrina:
Curativo imediato das queimaduras.
LABORATORIO:
QUIMICO,
FARMACEUTICO,
OPOTERAPICO
E DE VACINAS
FARMACIA
"SILVA ARAUJO"
RUA 1.º DE MARÇO,
9 a 15
PREFERIDA E
RECOMENDADA
SEMPRE
PELA CLASSE
MEDICA
Atende a qualquer
hora da noite
BI-UROL
GUARANÁ
IODO-KOLA
GRANULADO
INGESTA
CRISTAIS
DE FRUTAS
SILVA ARAUJO & Cia. LTDA
1871
RIO DE JANEIRO
CREME DE MAGNESIA